PLANTAS DO CEARÁ

RENATO BRAGA

Este trabalho, mais de índole prática do que científica, estuda, por ordem alfabética, as plantas nativas ou exóticas que nos interessam de perto.

Cada verbete condensa informes a respeito da diagnose, sinonímia científica e vulgar, origem, composição química, aplicações na alimentação, na indústria, na medicina.

É, por conseguinte, um inventário do nosso mundo vegetal, uma contribuição ao conhecimento da flora cearense, dos seus principais representantes e também daqueles que aguardam uma oportunidade para revelarem o seu valor.

Na sua elaboração consultamos grande bibliografia que vai da obra clássica ao artigo de jornal, citada nos devidos títulos.

ABACATEIRO — (*Persea americana* Mill.)

Familia das Lauráceas

Devemos as melhores pesquisas sobre a botanica e a cultura do abacateiro aos norte-americanos, que reuniram as variedades cultivadas em duas espécies: *Persea americana* Mill. (*Laurus persea* L., *Persea gratissima* Gaertn.) e *Persea americana drymifolia* (Schlecht. & Cham.) Blake.

A primeira espécie é a mais disseminada e cultivada em todas as regiões tropicais do globo. Subdivide-se, pomológicamente em duas raças: *antilhana*, das baixadas da América Central, inclusive o México, e *guatemalense*, das terras altas da mesma região. Á *antilhana* filiam-se as variedades conhecidas por abacate *comum* e *manteiga*, de frutos roxos, verde-claros, redondos, piriformes, alongados em uma das extremidades. com a casca lisa, coriácea, cerca de 1,5 mm. de espessura e pedúnculos curtos. Os nossos abacates desta raça em geral são fibrosos, oriundos quase todos de plantações de pé franco, encontrando-se de quando em quando tipos de polpa espessa, tenra, amarelada, tanto entre os verdes como os roxos. Há mesmo um tipo violeta-avermelhado, redondo, que supera a todos em peso e delicadeza da polpa.

Últimamente, por intermédio da Directoria da Agricultura e da Secção de Fomento Agrícola, foram introduzidas variedades *guatemalenses,* com frutos de casca sempre grossa, 1,5 a 3 mm. de espessura, lenhosa e geralmente rugosa, com pedúnculos compridos e verde-escuros nas variedades verdes, que vêm sendo propagadas por meio da enxertia.

A segunda espécie é natural dos planaltos mexicanos, resiste ao frio e á geada e as suas folhas e frutos verdes cheiram a aniz.

O abacateiro é árvore de belo pórte, de tronco mais ou menos grosso, tortuoso, irregularmente esgalhado, bem enfolhado, de casca áspera, gretada longitudinalmente, cinzento-escura. Folhas curtamente pecioladas, sem estípulas, simples, alternas, poliformas, coriáceas, peninervadas, persistentes e verdes. Flores pequeníssimas, axilares, branco-esverdeadas, um quase nada pubescentes, andróginas, dispostas em corimbo. São dicógamas, havendo plantas ora protrandas ora protóginas, o que explica a escassa produtividade de muitos indivíduos, ocasionada pela ausência, no pomar, de qualquer um desses tipos florísticos. O fruto é uma drupa de forma, tamanho e peso variáveis, indo a coloração do verde-amarelado ao violáceo quase preto. A polpa, verde ou amarelo-creme, verdadeira manteiga vegetal, é macia, suave, insípida ou sabendo a nozes. A semente (caroço), grande em relação ao fruto, compõe-se de dois cotilédones duros, carnosos, hemisféricos, desprovidos de albume, revestidos por dois tegumentos pergaminháceos, de coloração parda ou ferruginosa, derivados da primina e secundina.

Planta de propriedades variadas, nenhuma excede ao valor do seu fruto, cuja polpa madura apresenta a seguinte composição (Ruben Descartes de G. Paula, *Alimentos,* vol. 1, Rio, 1939, p. 151):

Agua	71,51 %
Proteínas	2,15 %
Matérias graxas	19,31 %
Carbo-hidratos	5,63 %
Cinza	1,36 %

Em substancias nutritivas o abacate suplanta as demais frutas frescas. Tem mais proteínas que as frutas e os legumes frescos e os cereais cozidos. A deficiência de carbo-hidratos contrabalança-se com a notável quantidade de gordura, dando-lhe excepcional valor energético, excedido apenas pelas sementes oleaginosas comestíveis. Poucos alimentos naturais lhe excedem em sais minerais e, quanto ás vitaminas, goza de posição invejável. Na sua polpa encontram-se as vitaminas antixeroftálmica (A), antineurítica (B), antiescorbútica (C), antirraquítica (D), antiesteril (E).

Tratando-se de fruto altamente graxo, poder-se-ia explorar o óleo, como sucedaneo do de olivia. A percentagem de oleína em seu mesocarpo supera á das azeitonas comuns e o óleo é fino, verde, transparente, agradável ao paladar, de cheiro semelhante ao da bergamota.

Afora o Brasil, onde o abacate é consumido maduro, como fruta, nas demais zonas produtoras é consumido antes da maturação, nas re-

feições principais, em sopas e saladas, variadamente condimentadas, ou então em conservas, sob a forma de *pickles*.

O chá das folhas e brotos é de emprego usual como carminativo, excitante da vesícula biliar, diurético, emenagogo e abortivo. O caule fornece madeira para carpintaria, fácil de bichar-se, com o peso específico de 0,643. O caroço torrado serve contra a disenteria e quando fresco produz um líquido avermelhado que se escurece ao contacto do ar, usado raramente para marcar roupas.

O abacateiro é originário da América intertropical, parece que do México ao Perú. Foi introduzido no Brasil, em 1809, pelo chefe de divisão Luís de Abreu Vieira e Silva, não sei se da Ilha de França (Maurícia) ou de Caiena, dada a contradição de Barbosa Rodrigues ao relatar o facto (*Hortus Fluminensis*, Rio de Janeiro, 1894, p. III, IV, XXII).

Alguns autores, inclusive Paulino Nogueira (*Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará*, Revista do Instituto do Ceará, t. I, 1887, p. 209,), fazem da palavra abacate um tupinismo, de *ibá* (fruta) e *catú* (boa), mera fantasia resultante do desconhecimento da origem desta laurácea. Abacate provém de *ahuacatl*, testículo na língua nahuatl e que se extendeu ao fruto do abacateiro certamente por causa do seu formato testicular.

ABACAXI. — (*Ananas sativus* Schultes f.)

Família das Bromeliáceas

Carolo Mez agrupou as variedades cultivadas do genero *Ananas* em três formas: *sativus, lucidus, debilis*. Á forma *lucidus* pertence o abacaxi.

Simples variedade de ananaz, genéticamente de formação obscura, geograficamente brasileira, o abacaxi distingue-se por características pomológicas concernentes á forma e á qualidade do fruto. Tem o fruto cilindro-cónico na extremidade superior ao passo que o do ananaz é cilindro-arredondado. A sua polpa macia, doce acidulada, muito aromática e saborosa, contrasta com a ananaz, mas áspera e ácida, de sabor e perfume mais acentuados.

Botanicamente se confundem. E' uma planta quase acaule, com folhas lineares, compridas, estreitas, armadas ou inermes, coriáceas, de ápice espinescente e rosuladas. Flores liláceas, violáceas ou vermelhas, sésseis, dispostas em densa espiga cónico-oval erguida num escapo avermelhado de 30-50 cm. de altura. O fruto, resultante da conjugação em torno do eixo florífero dos sépalos e dos ovários ínferos, que se tornam carnosos e formam saliências poligonais acuminadas, é uma sorose, mais ou menos elipsóide, verde, flava, áurea, violácea, coroada por uma roseta de folhas menores mas idênticas ás da planta e cercada de brácteas coloridas. O tamanho e o peso variam consoante as variedades cultivadas, não indo os nossos exemplares além dos 2 quilogramos. Polpa aquosa, branca ou amarelada, de sabor e perfume agradáveis. Sementes raríssimas, mergulhadas na parte carnosa, perto da epiderme, pretas ou castanhas, oblongas ou ovoides, achatadas.

A polpa fresca do abacaxi, conforme análise de Osvaldo Costa e Godoi Tavares, apresenta a seguinte composição:

Água	89,90 %
Protídeos	0,30 %
Lipídeos	0,50 %
Glicídeos	5,80 %
Celulose	3,20 %
Sais	0,30 %

Ao lado das qualidades organoléticas que elevam o abacaxi á categoria de rei das frutas e o fizeram universalmente conhecido, há o seu alto valor dietético, comparável ao das melhores frutas tropicais.

E' um adjuvante da digestão, pelo seu óleo essencial e principalmente por possuir uma enzima proteolítica — a ***bromelina***, que, em meio ácido, alcalino ou neutro, transforma as matérias albuminóides em proteoses ou peptonas. Abundante em açúcar quando maduro, muito rico em sais minerais e com as vitaminas A, B1, C (90,30 e 500 unidades internacionais, respectivamente) e B2 ou G (com 36 microgramas de riboflavina), o abacaxi exerce sobre os organismos novos ou velhos uma verdadeira acção construtiva. Excede á laranja em ferro e é quatro vezes mais rico em cálcio do que o trigo integral, razão por que o seu consumo se recomenda ás crianças, dada a importancia daqueles minerais na formação do sangue e do esqueleto. A nutrologia demonstrou que o uso do abacaxi acarreta um aumento de estatura e uma longevidade mais prolongada.

Na medicina caseira emprega-se o suco dos frutos maduros nas afecções pulmonares, na hiperacidez do estômago, nos catarros intestinais e o dos frutos verdes como abortivo,vermífugo, diurético.

O abacaxi talvez contenha um composto de origem salicílica, como há no morango, e por isso as pessoas predispostas a erupções cutaneas devem ser comedidas em seu consumo.

As folhas dão fibras de 60 cm., uniformes, de cor branca ligeiramente amarelada, muito flexíveis, empregadas na confecção de rendas e diversos tipos de tecidos.

O ananaz é originário da América tropical. A palavra *abacaxi* tem o seu ambito restrito ao Brasil e ao Paraguai. E' corrutela de *ibá*, fruta, e *cati*, rescendente (Baptista de Almeida Nogueira: *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da* "Conquista Espiritual", *do Padre A. Ruiz de Montoya*, Anais da Biblioteca Nacional, v. VII, Rio de Janeiro, 1879, p. 185). *Ananaz*, ao contrário, é uma expressão universal. Deriva de *a*, fruto, *nana*, anexos ou *na-na*, rescendente (*Vocab.* cit., p. 34). Gabriel Soares escreveu *ananaz*, Gandavo *annanaes*, Piso e Marcgrave *ananá*. Os espanhóis deram-lhe o nome de *pina*, por sua semelhança com os estróbilos ou cones dos pinheiros.

ABIU. — (*Pouteria caimito* (Ruiz & Pav.) Radlak.)

Família das Sapotáceas

Os botanicos peruanos Ruiz e Pavon dão-no como espontaneo do

Peru oriental, onde tem o nome de *caimito*. Jaques Huber, ao viajar o Ucaiali, verificou que o *caimito selvagem* que lhe mostravam jamais poderia ser a forma primitiva do *caimito* cultivado e aventou a hipótese do abiu derivar-se de uma *abiu-rana* do Pará, infelizmente não identificada (J. Huber, *Notas sobre a pátria e distribuição geográfica das árvores frutíferas do Pará*,, Boletim do Museu Goeldi, v. IV, ns. 2 e 3, Pará, 1904, p. 308).

Árvore, 5-6 metros de altura. Folhas pecioladas, obovado-lanceoladas, 10-20 cm. de comprimento, glabras, coriáceas, atro-verdes. Flores aglomeradas, dispostas em fascículos axilares laterais. Fruto baga ovóide, elíptica, esférica, 5-10 cm. de comprimento, casca amarelo-alaranjada, espessa, coriácea, encerrando polpa translúcida, branca ou amarelada, mucilaginosa, doce ou insípida, com 1-5 sementes grandes, lisas, pretas.

O pericarpo, maduro ou verde, encerra um látex sob a fórma de glóbulos pequeníssimos ou de líquido refrangente, coagulável ao contacto do ar, tornando desagradável e incómodo o consumo do fruto.

Emprega-se a casca da árvore nas diarréias e disenterias, e os frutos nas afecções pulmonares. A madeira é bonita, pardacenta e pesada, boa para cabo de ferramenta, móveis e objectos de pequena carpintaria.

Muito pouco cultivada.

O nome *abiu* provém do tupi *apiu*, fruta de pele mole (B. Caetano, *Vocab.* cit., p. 185). A sua sinonímia científica é a seguinte: *Achras caimito* Ruiz & Pav., *Lucuma caimito* (Ruiz & Pav.) Roem. & Schult., *Labatia caimito* Mart., *Guapeba caimito* (Ruiz & Pav.) Pierre

ABÓBORA. — (*Cucurbita maxima* Duch.)

Família das Cucurbitáceas

Planta rasteira, viloso-áspera, de caule sub-cilíndrico e gavinhas compostas. Folhas alternas, rijas, largo-cordiformes, inteiras ou 3-5-lobadas, crespas. Flores campanuladas, axilares, grandes, amarelas. Fruto carnoso, muito grande, deprimido-globoso, de carne amarela.

Originária da Ásia meridional. Possui um grande número de variedades hortícolas, de frutos enormes, sem iguais na natureza, com mais de 100 quilogramos, ás vezes. Entram na alimentação humana e dos animais domésticos. As sementes trituradas empregam-se como vermicidas, inclusive no combate ás ténias.

No Ceará e em todo o Nordeste as abóboras são chamados *gerimuns*. A espécie em causa, cultivada mais a título de curiosidade, é a única que, entre nós, tem o nome de *Abóbora* ou *Abóbora Gigante*. Nos Estados Meridionais é conhecida por *Abóbora Menina, Abóbora Grande*.

ABRICÓ. — (*Mammea americana* L.)

Família das Gutiferáceas

Árvore de fronde densa e de um verde profundo. Folhas pecioladas,

alternas, inteiras, obovadas, grandes, 10-20 cm. de comprimento, coriáceas, verde-escuras. Flores alvas, perfumadas, hermafroditas, axilares solitárias ou em pares opostos. Fruto baga redonda, 15-20 cm. de diametro, terminado por pequeno mamilo, de casca parda, granulosa, espessa, de polpa constituída por uma massa amarelo-avermelhada, consistente, doce, aromática, com 1-4 sementes castanho-escuras, ovais, em posição radial.

A casca do fruto é adstringente e junto á polpa há uma membrana delicada, fina, porém amarga, que comunica á boca um gosto desagradavel, o que torna pequeno o consumo do fruto no estado natural, empregado quase sempre na confecção de doces e xaropes altamente apreciados, aqui e aliunde, pelo sabor e perfume que se conservam indefinidamente.

As flores distilam-se para a fabricação de *Água dos Creolos* e *Creme dos Creolos,* de grande consumo nas Antilhas e ilhas do Cabo Verde. A resina da árvore, de cor amarela, é inseticida, como também as sementes, que machucadas com sebo usam-se em emplastros na extração do *bicho de pé.* A madeira tem um peso específico de 0,990 e uma resistência ao esmagamento, sem determinação de posição de carga, de 790 quilogramos. De cor branca ou rosada, dura, emprega-se na marcenaria e carpintaria.

O abricó encontra-se nativo nas Antilhas e norte da América Meridional, talvez até o vale do Amazonas. O nome deriva-se do francês *Abricot.*

ACÁCIA—(*Acacia suaveolens* Willd. =*Acacia odorata* Desv.)

Família das Leguminosas Mimosóideas

Arvoreta até 6 m. de altura. Flores amarelas, pequenas, dispostas em glomérulos globosos. Ornamental.

ACÁCIA BRANCA. — (*Acacia sp.*)

Família das Leguminosas Mimosóideas

Com este nome designa-se um arbusto ou arvoreta cultivada nos jardins. Tem os ramos pendentes e flores alvas, dispostas em glomérulos globosos, aromáticos.

AÇAFROA. — (*Curcuma longa* L.)

Família das Zingiberáceas

Nativa da Índia e Indo-China, foi introduzida no Brasil nos primeiros tempos da colonização, tornando-se subespontanea.

Erva de 1 — 1 m. 50 de altura, rizomatosa, com folhas longamente pecioladas, grandes, oblongo-lanceoladas e flores amareladas, pequenas, longo-pendunculadas, em espigas compridas.

Os rizomas, duros, nodosos, exteriormente terrosos claros, quase sempre alaranjados interiormente, encerram uma substancia de matiz amarelado — a *curcumina,* empregada na tinturaria, na culinária, na farmácia. O amido que deles se extrai presta-se á fabricação de biscoitos e bolos e á falsificação da araruta. Aplicam os rizomas na medicina doméstica

como estomáquio, sudorífico, antiespasmódico, emenagogo. Quando surgem os primeiros sintomas de sarampo, afim de evitar erupções, esfregam os rizomas da açafroa ao redor dos olhos e pescoço do paciente.

ACATAIA. = PIMENTA D'AGUA

ACATIÁ. = ERVA DE BICHO

ACELGA. — (*Beta vulgaris* L. var. *cycla* L.)

Família das Quenopodiáceas

Cultivam-se diversas variedades pela cor das folhas, comprimento e espessura dos pecíolos.

O valor nutritivo é nulo, mas as folhas e os talos de algumas variedades são consumidos como verdura. As folhas coloridas prestam-se á ornamentação culinária. Natural da Europa.

ACENDE-CANDEIA. — (*Plathymenia foliosa* Benth.)

Família das Leguminosas Mimosóideas.

Árvore mediana, inerme, de folhas bipinadas, folíolos pequenos, flores alvas, dispostas em espigas cilíndricas. Fruto vagem chata, escura, 7-9 cm. de comprimento, com sementes escuras.

Madeira de cor amarela com veios mais escuros, para marcenaria de luxo, carpintaria. Lenha de qualidade superior, fácilmente inflamável, advindo daí a denominação popular referente á *candeia.*

No Pará é conhecido por *Candeia, Pau de Candeia, Paricazinho;* nos Estados meridionais por *Vinhático do Campo.* Quase todo o Brasil.

AÇOITA-CAVALO. — (*Luhea grandiflora* Mart.)

Família das Tiliáceas

Árvore de belo aspecto, com fronde ampla e umbrosa. Folhas curto-pecioladas, elítico-ovadas, trinervias, verdes e escabrosas na página superior esbranquiças e tomentosos na inferior, grosseiramente serradas. Flores grandes, brancas, vistosas, em panículas terminais. Fruto cápsula oblonga, lenhosa, densamente pubescente.

Optima madeira para obras de arte e escultura. As cascas são adstringentes, empregadas em cortume. O cortéx produz fibras para amarrilhos e trançados.

O nome de *Açoita-Cavalo* vem de seus galhos serem rectos e flexíveis, próprios para rebenques. No Pará tem o nome de *Ivitinga* e *Mutamba Preta.*

Cresce em Cuba, na América Central e do Sul.

Há outra espécie congénere e com o mesmo nome popular — *Luehea divaricata* Mart., assinalada por Luetzelburg na região do Cariri (*Dados*

básicos para o reflorestamento no Nordeste brasileiro, Boletim da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, v. 9, n. I (Janeiro-Março 1938), Rio de Janeiro, p. 65).

E' igualmente árvore de belo efeito decorativo, com mais de 10 m. de altura e flores grandes, brancas ou róseas.

ACÓNITO. — (*Aconitum napellus* L.)

Família das Ranunculáceas.

Natural da Europa e raramente cultivada, antes como ornamental do que medicinal.

E' uma planta herbácea, com flores violáceas, tendo a corola constituída de 5 pétalos, sendo os dois superiores em forma de capuz, donde o específico *napéllus* (*chapeu de frade*).

Altamente tóxica.

AÇUCENA

Com este nome são conhecidas as seguintes espécies brasileiras do género *Hippeastrum* Herb., da família das Amarilidáceas, cultivadas nos jardins e grandemente ornamentais:

H. aulicum Herb. (*Amaryllis aulica* Ker-Gawl.), com grandes cálices vermelhos, mesclados de carmim na base, pendentes

H. *procerum* Lem. (*Amaryllis procera* Duch.), com flores lilacinas, campanulado-infundibiliformes, em umbelas de 4-12. No Rio de Janeiro chama-se *Flor da Imperatriz.*

H. vittatum Herb. (*Amaryllis vittata* L.'Hér.). As flores são muito vistosas, com cerca de 24 cm. de diametro, brancas, com a margem róseo-avermelhada e estriadas de carmim, dispostas em umbela de 4-6 sobre um caule florífero fistuloso. Há grande número de híbridos provenientes do cruzamento desta espécie com *H. aulicum,* de flores brancas ou com todas as tonalidades do vermelho, alguns de magnífica beleza.

AGAVE. — (*Agave sisalana* Perrine)

Família das Amarilidáceas.

O género Agave compõe-se de plantas vivazes, originárias das terras pobres ou desérticas da América Central e do México. A denominação genérica tornou-se o apelativo de algumas espécies, especialmente de *A. sisalana* e de *A. fourcroydes* Lem.., produtoras de valiosas fibras vasculares. No comércio essas fibras têm o nome de *Sisal,* do porto de Iucatã, que primeiro as exportou. *Sisal* é também o nome de *A. sisalana.* O *A. fourcroydes* é conhecido na América espanhola por *Henequén.*

E' uma planta sub-caulescente, de folhas carnosas, a princípio ligeiramente gláucas, depois verde-cinzentas, um tanto lustrosas, quase chatas, linear-lanceoladas, em coroas superpostas, rígidas e erectas quando novas, inclinadas quando velhas. As folhas estreitam-se gradativamente e terminam em espinho muito forte e pontudo, castanho escuro; raramente

há espinhos marginais. Floresce, como os demais agaves, apenas uma vez, dos 8 para os 10 anos, morrendo logo depois. Pouco antes da floração, as folhas perdem a turgescência e o eixo começa a desenvolver-se rápidamente, alcançando cerca de 5 m., apresentando de 30 a 35 ramos floríferos, que se trifurcam e nas extremidades têm de 4 a 12 flores hermafroditas, verdes-amareladas, dispostas em rácimos. O fruto é uma cápsula, porém muito rara.

Cultivam-se os agaves pelas suas fibras, longas, de cor amarelo-claras, quase brancas, lustrosas, resistentes, pouco flexíveis, excelentes para cordas e barbantes, empregando-se igualmente na sacaria, como sucedaneo da juta, em tapetes, esteiras, etc.

Plantas xerófilas, os agaves apresentam grandes possibilidades econômicas para o Nordeste. Podem ser cultivados vantajosamente em toda a extensão da região litoranea, nas serras agrícolas e nos vales dos rios e riachos sertanejos. Revela ainda acrescentar, a seu favor, que em relação ao volume de fibras produzidas, é a planta téxtil que exige menor número de trabalhadores.

No México comem os botões florais de certos agaves, apesar de seu sabor um tanto amargo, e a exemplo do que se faz aqui, no Nordeste, com a macambira, nos anos de seca, lá também se comem assados o tronco e a base das folhas de alguns deles. De uma espécie cultivada em clima temperado, *Agave atrovirens* Karw., é que, pouco antes da formação do eixo floral, retiram a seiva, para a fabricação do *pulque*, bebida alcoólica e de fácil alteração, muito estimada pelos mexicanos.

AGLAIA. — (*Aglaia odorata* Lour.)

Família das Meliáceas

Arvoreta com flores amarelo-claras, miúdas, muito perfumadas, em panículas, ás vezes em rácimos isolados.

Ornamental. A sua patria é a China e a Cochinchina.

AGRIÃO. — (*Spilanthes acmella* Murr.)

Família das Compostas

Do Amazonas ao Rio de Janeiro. Trata-se de uma erva anual, com hastes tenras e angulosas. As folhas são opostas, longo-pecioladas, ovadas, agudas, dentadas, espessas. Flores amarelo-pálidas, em pequenos capítulos globosos ou cónicos, terminais ou axilares.

A planta é desobstruente, odontálgica, tónica, peitoral. Os capítulos são reputados no combate ás bronquites e ás afecções bucais.

AGRIÃO BRAVO. — (*Spilanthes acmella* Mur. var. *uliginosa* = *Spilanthes uliginosa* Swartz).

Família das Compostas

Com as mesmas propriedades da espécie-tipo, distinguindo-se pelos capítulos menores, com peças do envólucro ovais, muito obtusas.

AGRIÃO D'AGUA. — (*Nasturtium officinale* R. Br.)

Família das Crucíferas

Européia, mas naturalizada e subespontanea em quase todo o Brasil, nos lugares húmidos, á beira das águas correntes ou represadas.

Planta herbácea, de hastes fistulosas. Folhas alternas, compostas de folíolos oblongos e glabros. Flores pequenas, branco-amareladas, em rácimos terminais ou axilares.

Consome-se crú, em forma de saladas. Goza de propriedades depurativas, estimulantes, peitorais, antiescorbúticas. As folhas contusas são empregadas em cataplasmas nas feridas de mau carácter.

AGRIÃO DO BREJO. — (*Eclipta alba* (L.) Hassk.)

Família das Compostas

Erva anual, erecta ou prostrada. Folhas opostas, lineares ou oblongo-lanceoladas, dentadas. Inflorescência em pequenos capítulos, curtamente penduculados, isolados ou aos pares, nas axilas ou nas extremidades dos ramos, com flores alvas.

A cataplasma da planta verde aplica-se nas Antilhas para curar os ferimentos feitos com instrumentos cortantes. Entre nós, as folhas e flores são peitorais e antiasmáticas, consoante a lição de Dias da Rocha (*Formulário Terapêutico de Plantas Medicinais Cearenses, Nativas e Cultivadas,* Ceará, 1947, p. 10).

AGRIÃO DO PARÁ. — (*Spilanthes acmella* Murr. var. *oleracea* = *Spilanthes oleracea* L.).

Família das Compostas

As flores são amarelo-ouro e os orgãos vegetativos pardo-avermelhados.

Os seus capítulos possuem propriedades medicinais mais enérgicas que a espécie-tipo. As folhas são consumidas em saladas e ensopados.

AGUAPÉ DA FLOR BRANCA. — (*Nymphea ampla* (Salisb.) DC. var. *pulchella* (DC.) Casp.)

Família das Ninfeáceas

Vive nas águas tranquilas das regiões tropicais. E' uma planta herbácea, de caule rizomatoso e imerso na vasa, com folhas flutuantes, longamente pecioladas, cordiformes, bilobadas na base, coriáceas e de margens encurvadas. As flores são belíssimas, brancas, solitárias, longo-penduculadas.

As suas flores e das demais castas congéneres abrem-se á noite e fecham-se pela manhã.

As folhas são vulnerárias e emolientes. O cozimento das flores desta e outras ninféias passa por anafrodisíaco.

Para Bapttista Caetano (*Vocab.* cit., p. 25) *aguapé* significa na língua tupi-guarani-redondo, chato.

AGUAPÉ DA FLOR AMARELA

Este nome pertence ás duas espécies seguintes, igualmente das Ninfeáceas :

Nymphaea amazonum Mart. — Herbácea e vivaz, nas águas tranquilas. Folhas flutuantes, elítico-cordiformes, grandes, de base quase fendida e com um anel de pelos compridos no ponto de inserção do peciolo. Flores aromáticas, passando o matiz do branco apenas amarelado ao amarelo enxofre, com o centro vermelho-escuro.

J. Huber, *Plantas do Ceará,* Revista do Instituto do Ceará, tomo XXII (1908), p. 181, assinala uma variedade (?) sem anel cabeludo na ponta do pecíolo.

A sua distribuição geográfica abrange desde as Antilhas até o Brasil meridional.

Nynphaee rudgema G. F. W. Mey — As folhas são quase elíticas. Encontrada das Guianas até ao Rio de Janeiro. Conhecida também por *Aguapé da Meia Noite,* de suas flores abrirem-se mais ou menos á essa hora.

AGUAPÉ DA FLOR MIÚDA. — (*Nynphoides humboldtianum* (H. B. K.) Kuntze = *Limnanthemun humboldtianum* Griseb.)

Família das Gencianáceas.

Comum ás águas razas das lagoas, açudes e poços, margens de riachos e terrenos alagados. Em toda a América tropical continental e nas Antilhas. No Pará é conhecida por *Aperana.*

Erva rizomatoza. Folhas flutuantes, curtamente-pecioladas, orbiculares ou reniformes. Flores alvas, pequenas, em forma de estrelas e com longas franjas nos segmentos corolíneos.

A infusão das folhas empregam nas febres intermitentes e catarrais.

AGUAPÉ DA FLOR ROXA — (*Eichhornia azurea* (Swartz) Kunth = *Pontederia azurea* Kunth.)

Família das Pontederiáceas

Planta aquática, flutuando na superfície da água, em toda a América tropical e subtropical. Na região amazónica é chamada de *Rainha dos Lagos, Mururé da Flor Roxa, Mururé Orelha de Veado* ou *Orelha de Veado; Aguapé,* no Rio de Janeiro, S. Paulo e outros Estados sulistas; *Colhereira,* em Minas Gerais. No Ceará ás vezes chamam-na de *Pavoa.*

Acaule, com folhas cordiformes, rígidas, onduladas, levemente acumi-

nadas e pecíolo fusiforme, entumecido por um tecido esponjoso que o torna flutuante. Flores violáceas, grandes, delicadas, em espigas, abrindo-se á noite.

Cultivam nos lagos dos jardins e parques como ornamental e depuradora das águas paradas. Na Amazónia é forrageira muito apreciada. Folhas adstringentes.

Nota. — São destituidas de fundamento as classificações aplicadas aos aguapés nordestinos por José Luis de Castro, *Contribuição para o dicionário da flora do Nordeste Brasileiro*, Boletim da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, v. 8, n. 1 (Julho a Setembro 1937) Rio de Janeiro, p. 69.

AGULHA DE VAQUEIRO = CARRAPICHO DE AGULHA

ALCAÇUZ DA TERRA. — (*Periandra dulcis* Mart.)

Família das Leguminosas Papilionadas

Arbusto de pouco mais de 1 m. de altura, possuindo caule esbranquiçado e galhos pubescentes. Folhas compostas, 3-foliadas, com folíolos quase sésseis, obtusos, retusos ou mais ou menos agudos, rígidos, glabros, luzentes. Flores azuis ou roxas, em rácimos terminais grandes e pendentes.

A raiz sublenhosa, preta por fora e interiormente amarela, agridoce, encerra princípios análogos aos de *Glycyrrhiza glabra* L., que é o *Alcaçuz* verdadeiro, o oficinal ou das farmácias, do qual o nosso é o sucedaneo na medicina caseira.

Cresce nos campos secos, arenosos ou pedregosos, desde o Pará até S. Paulo, inclusive Minas Gerais. Em S. Paulo e Minas é conhecido por *Pau Doce*.

ALECRIM. — (*Rosmarinus officinalis* L.)

Família das Labiadas.

E' uma planta arbustiva, de hastes lenhosas, folhas sésseis, estreitas, coriáceas, de margens enroladas e flores axilares, pequenas, azul-pálidas, bilabiadas.

Natural da Europa, veio talvez com os primeiros colonos, como um dos elementos principais da sua farmácia doméstica. As flores e sumidades florais gozam de grande prestígio como estomacais, estimulantes, emenagogas e abortivas. O pó das folhas é utilizado como cicatrizante.

Os ramos perfumam e evitam as traças nas roupas. Dá um óleo aromático de largo uso na perfumaria. E' excelente planta melífera, comunicando ao mel um sabor especial.

ALECRIM BRAVO = COMINHO BRAVO

ALECRIM DE SÃO JOSÉ. — (*Portulaca pilosa* L = *Portulaca lanuginosa* H. B. K.)

Família das Portulacáceas

Conforme a tradição popular, anotada por Almeida Pinto (*Dicionário de Botanica Brasileira,* Rio de Janeiro, 1873, p. 16), o nome lhe adveio por haver sido encontrado no telhado da igreja de S. José da Coroa Grande, em Pernambuco.

Planta herbácea, prostrada, lanosa, de folhas miúdas, alternas, inteiras, com pelos axilares. Flores pequenas, sésseis, amarelas, nas extremidades dos ramos. Fruto pequeno pixídio com muitas sementes pretas, luzidias.

Aplicam-se as folhas pisadas em cataplasmas nos glopes e nas erisipelas.

ALECRIM DO BREJO. — (*Bacopa angulata* (Benth) Edwall.)

Família das Escrofulariáceas

Pequena planta herbácea dos alagadiços, com caules angulosos e folhas opostas, lanceoladas ou lineares. Flores pequenas, azuladas ou violáceas, axilares.

O cozimento de tôda a planta é usado em gargarejos nas faringites.

ALFACE. — (*Lactuca sativa* L.)

Família das Compostas

Asiática, desconhecendo-se entretanto o seu centro de origem.

Erva anual, ás vezes cultivada bienalmente, tem o caule curto, as folhas dispostas em camadas, com a face voltada para o caule, variaveis na cor e na forma. Flores amarelas, pequenas, em capítulos, sobre um eixo floral. Fruto aquénio com diversas sementes.

O número de variedades, caracterisada pelo porte, cor, forma das flolhas e época de cultura, ascende a mais de 100, agrupadas horticolamente em 3 classes : alface repolhudas, alface romanas, alfaces de córte.

Universalmente usadas em saladas, as folhas da alface são uma das verduras mais ricas em sais minerais e encerram, quando frescas, 1,50% de proteínas, 0,30% de matérias graxas, 3,40% de carbo-hidratos, 1,00% de cinzas. Na fitoterapia são calmantes e sedativas. O seu óleo essencial é de largo emprego na perfumaria.

ALFAVACA. — (*Ocimum fluminense* Vell.)

Família das Labiadas

Erva perene, até 1 m. de altura, de caule difuso, com ramos quadrangulares. Folhas pequenas, cheirosas, opostas, ovais, dentadas. Flores miúdas, brancas, pintadas de roxo, dispostas em pseudo--espigas. Fruto cápsula com 4 sementes pretas.

As folhas e as flores são aromáticas, estimulantes, sudoríficas e anticatarrais. No sertão é a planta preferida para perfumar o banho dos recemnascidos.

Encontrada desde o Ceará até ao Rio de Janeiro.

ALFAVACA DE CABOCLO = SAMBACUITÉ

ALFAVACA DE CHEIRO = ALFAVACA

ALFAVACA DO CAMPO. — (*Ocimum incanescens* Mart.)

Família das Labiadas

Planta herbácea, perene, de ramos quadranguiares, pilosos. Folhas pecioladas, ovado-lanceoladas, quase inteiras, curtamente escanescente-to mentosas no lado inferior. Flores miúdas, branco-arroxeadas ou manchadas de roxo, dispostas em pequenas pseudo-espigas. Folhas e flores menos aromáticas do que as da *Alfavaca.*

Mesmas propriedades da espécie anterior.

No Ceará tem ainda o nome de *Mangericão de Vaqueiro, Remédio de Vaqueiro.* Do Piauí á Baía e Goiaz

ALFAZEMA BRAVA. — (*Hyptis sp.*)

Família das Labiadas

Erva de caule quadrangular com folhas opostas, lanceoladas, sinuosas, pilosas e aromáticas. Flores miúdas, de cor roxa, em cimeira axilares e terminais (Dias da Rocha, *Formulário* cit., p. 15).

Toda a planta é estomacal, carminativa e sudorífica.

ALFINETE. — (*Paepalanthus cearensis* Ruhl.)

Família das Eriocauláceas

Planta de pequeno porte, até 30 cm. de altura, com o caule hirto e folhas rígidas. Flores brancas em capitulos globosos no ápice do caule.

Com o mesmo nome há ainda a seguinte espécie congénere :

Paepalanthus lamarckii Kunth.

Encontrada na América Central, Venezuela, Guianas e Brasil, ao passo que a primeira é própria do Ceará.

ALGAS

As algas são plantas sem raiz, sem caule, sem folhas. Unicelulares ou multicelulares, o seu corpo, simples ou ramificado, reduz-se a um filamento, a uma lámina ou a um macisso a que os botanicos dão o nome de *talo.* São talófitas, por conseguinte, individualizadas pela presença da clorofila em suas cédulas, ás vezes mascaradas por outro pigmento.

Plantas aquáticas, as algas são verdes, pardas e vermelhas. Nas águas

doces vivem as de cor verde e algumas pardas especiais. No mar a repartição varia, em profundidade, com a cor do pigmento. Á superfície e a uma fraca profundidade, encontram-se todos os tipos, especialmente as algas verdes; aos 100 metros vivem as pardas e as vermelhas; além desta cota, só as algas vermelhas e muito raramente.

Algumas espécies podem desenvolver-se no ar húmido e são sempre algas verdes.

Philipp von Luetzelburg (*Estudo Botanico do Nordeste,* v. III, Rio de Janeiro, s/d, p. 229 e 230) e Dias da Rocha (*Subsídios para o estudo da flora cearense,* Revista do Instituto do Ceará, t. LX (1946), Fortaleza, p. 226 e 227) colectaram neste Estado diversas algas, cujo estudo deixa de ser feito por escapar á indole prática de trabalho desta natureza.

ALGODÃO. — (*Gossypium sps.*)

Família das Malváceas

Há algodões nativos no Novo e no Velho Mundo. Na Índia a sua cultura remonta ás origens da civilização nessa península, e na América, por ocasião do Descobrimento, conhecia-se a sua lavoura ou o seu uso desde as Antilhas até ao Peru e desde o México até ao Brasil.

A importancia económica de sua fibra ensejou-lhe dispersão em solos e climas diferentes, advindo daí grande número de formas cultas, tomadas como espécies verdadeiras e distintas. Por outro lado, o intercambio de sementes entre regiões produtoras, ás vezes de continentes diversos, aumentou ainda mais a confusão no terreno da sistemática dos algodões, com o aparecimento de híbridos, elevados á categoria de espécies.

Para Watt, os algodoeiros podem ser divididos em dois grupos : *americanos* e *asiáticos.* "Os primeiros são, em geral, plantas arbustivas derivadas do *Gossypium barbadense* e *hirsutum,* cujas sementes ou são negras sem felpa (*Gossypium barbadense*),ou são claras com felpa verde ou cinzenta (*Gossypium hirsutum*). As maçãs ou cápsulas, em geral, apresentam pequenas depressões. Os algodoeiros asiáticos compreendem todas as formas derivadas do *Gossypium herbaceum,* que dão sempre fibras curtas e sementes revestidas de curta felpa branca ou ligeiramente amarelada."

Em 1924 pesquisas citológicas simultaneas de Denham, na Inglaterra, e Nicolajeva, na Rússia, revelam uma divisão fundamental do gênero *Gossypium* em dois grupos de espécies, caracterizados por 13 e 26 pares de cromosómios, respectivamente.

Harland, *The Genetics of Cotton,* Londres, 1939, p. 18, baseado neste critério e em outros caracteres, classificou os algodões da maneira que se segue :

1a. Secção. Grupo de 26 cromosómios

A) — Novo Mundo (cultivado ou selvagem)

1 Grupo Upland *G. hirsutum,* Linn.

2 Grupo Bourbon *G. purpurascens*, Poir.
3 Grupo Punctatum *G. punctatum*. Sch. et Thon.
4 Grupo Peruviano *G. barbadense*, Linn.

B) — Polinesiano (selvagem)

1 *G tomentosum*, Nutt. (Hawaii)
2 *G. Taitense*, Parl. (Fiii)
3 *G. Darwinii*, Watt (Galapagos)

2a. Secção. Grupo de 13 cromosómios

A) — Velho Mundo (selvagem e cultivado)

1 *G. arboreum*, Linn. (Asia e Africa)
2 *G. herbaceum*, Linn. (Asia e Africa)

B) — Velho Mundo (Selvagem)

1 *G. anomalum*, Wawra et Peyr. (Africa)
2 *G. Stocksii*, M. Mast. (India)

C) — Novo Mundo (selvagem)

1 *G. Davidsonii*, Kell.
2 *G. Thuberi*, Tod.
(=*Thurberia thespesioides*, A Gray)
3 *G. Harknessii*, Brandg.
4 *G. Armourianum*, Kearney
5 *G. aridum* Skovsted (nov. comb.)
(=*Erioxylum aridum*, Rose et Standley)

D) — Polinesiano (selvagem)
1 *G. Klotzschianum*, Andss.

E) — Australiano (selvagem)

1 *G. Sturtii*, F. v. M.

Ainda com Harland (p. 19), a sinonimia das espécies componentes da 1a. Secção, Sub-Secção A, que nos interessa de perto, passa a ser :

1 *G. hirsutum* Linn. provavelmente compreende :

G. mexicanum Tod.

2 *G. purpurascens* Poir. compreende :

G. Schottii Watt (uma forma laciniada)

G. Morelli Cook

3 *G. punctatum* Sch. et Thon. inclui :

G. Ekmanianum Wittmack
G. Hopi Lewton

4 *G. barbadense* Linn. inclui :

G. mustelinum Miers
G. microcarpum Tod.
G. peruvianum Cav.
G. vitifolium Lamk.
(=*G. brasiliense* Macf.)

Em trabalho recente, *The Evolution of Gossypium,* Londres, 1947, J. B. Hutchinson, R. A. Silow e S. G. Stephens, discordando de Harland em diversos pontos, fizeram a revisão do género, reunindo as espécies de algodoeiros, cultivadas e selvagens, em oito grupos ou secções.

Quanto ás nossas variedades, que constituem a lavoura básica do Estado, acham-se misturadas em tal estado de heterozigose, que se torna muito difícil, quase impossível mesmo, classificá-las botanicamente.

Vejamos os tipos principais.

Algodão Herbáceo

São variedades anuais ou bianuais, oriundas da América do Norte, tanto que algumas, as mais recentemente introduzidas, ainda conservam os nomes de suas pátrias : *Upland, Texas, Cleveland, Delphos,* etc.

Os primeiros algodões herbáceos parece que foram introduzidos no Ceará em 1851 (Tomás Pompeu de Sousa Brasil, *A Cultura do Algodão, especialmente no Ceará,* s/d, p. 6). Antes se plantava o *inteiro* e o *quebradinho.*

As nossas formas ou variedades de porte herbáceo não se filiam ao *Gossypium herbaceum* L. e a este respeito Edward C. Green escreveu o seguinte :

> "E' possível que outrora o *G. herbaceum* tenha vindo para o Brasil da América do Norte ou da Ásia, mas presentemente muito poucas plantas se encontram que possam ser atribuidas com certeza a esta espécie. E' um algodão de clima frio e não adaptado aos trópicos. Seria para notar neste ponto que os nomes populares, tão comumente usados no Brasil, de *herbaceum* e *arboreum,* devem ser considerados simplesmente como classificação geral de leigos, que só distinguem entre as feições anual e perene dos dois grupos comuns. (' *Classificação Botanica dos Algodoeiros Brasileiros,* Anais da 1a. Conferência Algodoeira, S. Paulo, s/d, p. 159)".

Os nossos algoodeiros do tipo herbáceo descendem de *Gossypium*

hirsutum L., originário da América Central, provavelmente do sul do México, cujas variedades constituem o grupo de algodão mais cultivado no mundo.

Caracterizam-se principalmente pelas sementes revestidas de dupla pilosidade. A fibra mais comprida é alva, resistente, ordinariamente média ou curta, longa em alguns tipos. A curta é branca, castanha ou esverdinhada, conforme a variedade.

Algodão Inteiro

Planta perene, árborea, provavelmente originária do Brasil. Junto com o *quebradinho* era exclusivo na lavoura cearense até metade do século passado.

Caroço grande e *crioulo* são outras denominações populares que possui. O nome *inteiro* advem da aglutinação das suas sementes em uma massa reniforme, donde ser chamado *rim de boi,* em algumas regiões nordestinas.

As fibras são brancas, ásperas, grossas e brilhantes, de 27 a 35 mm. de comprimento, porém pouco abundantes. As sementes grandes, pesadas, ventricosas, glabras, com leves tufos de pelos nas junturas.

Comumente o classificam de *Gossypium brasiliense* Macf. Harland o tem na conta de um híbrido de *G. barbadense* X *G. purpurascens.*

Algodão Mocó

Introduzido no Ceará em 1916, de sementes adquiridas no alto sertão do Seridó, pelo agrónomo José Eurico Dias Martins.

"Sobre a origem do Mocó nada podemos afirmar, pois ao redor dessa questão encontramos as mais dispares opiniões. Uns julgam ser ele o célebre algodão Mako, egípico, e que Mocó é a sua corrutela, pois o algodão Mako foi um dos primeiros algodões egípcios cultivados no Rio Grande do Norte. Outros são de opinião ser ele descendente do Sea-Island, cultivado no Seridó no século passado. Outros afirmam ser o Mocó originário do Seridó, o que parece mais acertado. Explicam estes que o nome mocó é de um pequeno roedor muito comum no vale do Seridó, cujo escremento muito se assemelha á semente desse algodão (Carlos Vitor de Oliveira Faria, *O Algodão Mocó e o seu Melhoramento na Paraíba,* João Pessoa, 1940, p. 8)". Bastante instrutiva é a leitura do capítulo — Origem do algodoeiro *Mocó,* da memória *Algodão no Nordeste,* Rio de Janeiro, 1916, p. 23, tambem publicada no II vol. dos *Ananis da* 1a. *Conferencia Algodoeira,* de autoria de José Eurico Dias Martins, que pesquisou o assunto no próprio Seridó, *habitat* deste algodão.

A clasificação do *Mocó* é por demais controvertida. Para Edward C. Green é uma forma de *G. vitifolium* Lamk. Philipp von Luetzelburg o julga *G. herbaceum* var. *vitifolium.* Harland o classifica de *G. purpurascens* Poir., cuja área geográfica abrange da Florida ás costas do Atlantico e do Pacífico. na América do Sul, até Pernambuco e Peru, respectivamente. J. B. Hutchinson *The Evolution of Gossypium,* p. 46, o inclui como *G. hirsutum* var. *Marie-Galante.*

Outras determinações poderiam ser alinhadas, sem o mérito de esclarescer o assunto.

Difícil, no momento, é descrever com exatidão os caracteres botanicos do *mocó*. Seu estado de heterozigose não permite fazê-lo.

Trata-se de planta árborea ou arbustiva, lonjeva, vivendo mais de 20 anos, resistente ás secas, produtoras de fibras longas, macias, finas, sedosas. As sementes são pequenas, cor de chocolate, glabras, piriformes, com um apículo no alto.

Algodão Quebradinho

Hoje muito pouco cultivado, já foi um dos tipos predominantes da nossa lavoura algodoeira.

É arbustivo ou arbóreo, perene, apresentando grande analogia com os algodões do tipo *mocó*.

As fibras são mais ou menos longas, porém de qualidade variável.

As sementes, pretas ou pardo-escuras, miúdas, ovais, agudas, núas ou com tufos de pelos no hilo, são separadas, donde lhe vem o nome de *quebradinho* em contraposição ao de *inteiro*.

Algodão Verdão

Riqueza, rompe-letras, azulão são outros tantos nomes regionais deste tipo de algodão, de porte arbóreo, extremamente variável nos seus caracteres, certamente um híbrido indefinível botanicamente.

A fibra é excelente, tendo em média de 30 a 32 milímetros de comprimento. As sementes são grandes, independentes umas das outras, revestidas de uma dupla pilosidade, tendo os pelos curtos uma cor pardo esverdinhada, de onde se origina a sua denominação vulgar.

ALGODÃO BRAVO. — (*Cochlospermum vitifolium* (Willd.) Spreng.)

Família das Coclospermáceas

Pequena árvore de ramos vermelho-acastanhados. Folhas alternas, longo-pecioladas, penta-lobadas, com os lobos acuminados, crenado-serrados e glabros. As flores são grandes e belas, amarelo-douradas, em cachos terminais. O fruto é uma cápsula obovóide, aveludado-pubescente, com numerosas sementes reniformes, cobertas de pelos brancos.

Os pelos das sementes substituem a paina no enchimento de estufados. Planta ornamental, pela beleza e vistosidade das flores. Recomenda-se para cercas vivas.

Cresce em toda a América tropical.

ALGODÃO DA PRAIA. — (*Hibiscus tiliaceus* L.)

Família das Malváceas

Árvore pequena. Folhas arredondado-cordiformes, curtamente acu-

minadas, inteiras ou crenuladas, verdes na página superior, pálidas e pubescentes na inferior. Flores grandes, de corola bem aberta, amarelo-enxofre, maculada de púrpura na base, muito caducas. O fruto é uma cápsula densamente pubescente.

Esta linha malvácea foi muito empregada na arborização de ruas, parques e jardins, sendo posta de lado não só pela fraqueza de seu caule como pela abundantissima floração, que cobre os passeios de uma massa de flores escorregadia, prejudicial á limpeza e á segurança dos transeúntes.

As fibras liberianas, similares ás da juta, na qualidade, recomendam-se para cordas, esteiras e tecidos grosseiros. A madeira fornece pasta para papel.

Cosmopolita nas restingas e proximidades das praias marítimas dos trópicos.

ALGODÃO DO PARÁ = ALGODÃO DA PRAIA

ALGODÃO MACACO. — (*Gossypium mustelium* Miers)

Família das Malváceas

Algodão selvagem, encontrado no Brasil, pela primeira vez, perto do Crato, por Gardner, em 1838. Em 1913 Green o colectou em Caicó, no Rio Grande do Norte. Foi assinalado na Colômbia também.

Planta arbustiva, perene, com folhas largas, profundamente trilobadas. Flores de pétalas pilosas, amarelas, tintas de púrpura, Cápsulas triloculadas, com 6 sementes por lóculo, grandes, ásperas, com pubescência e lanosidade ferrugíneas.

Hibrida-se com as espécies cultivadas, produzindo um algodão de fibra pardo-avermelhada, de qualidade inferior, chamado *macaco* ou *algodoí*.

ALHO. — (*Allium sativum* L.)

Família das Liliáceas

Pouco cultivado. Os bolbilhos, vulgarmente chamados *dentes*, além de condimento antiquíssimo, são antissépticos, antelmínticos e carminativos.

Alho do reino é outro nome por que é conhecido. Talvez seja natural da Europa.

ALHO DA TERRA. — (*Allium scorodoprasum* L.)

Família das Liliáceas.

Natural da Europa. Tem as mesma aplicações de *A. sativum*, sendo os bolbilhos maiores, brancos ou avermelhados, menos odorantes e acres.

ALHO DO MATO. — (*Cipura paludosa* Aubl.)

Família das Iridáceas

Planta herbácea, de flores amarelas em hastes que saem do meio de folhas ensiformes e paralelinérvias.

Tem um bolbo compacto, cinzento por fora e interiormente amarelo, de propriedades emenagogas e diuréticas, usado ainda no tratamento de escrófulas e gonorreias.

Habita os prados encharcados desde as Guianas até ao Rio de Janeiro e Estados centrais. Em Pernambuco é conhecida por *Coqueirinho.*

Há ainda outra planta com a denominação de ALHO DO MATO, que é *Cypella caerulea* Seub., da mesma família.

Igualmente herbácea e bolbosa. As flores abrem pela manhã e são de um lindo colorido violeta ou azul claro, tendo a base maculada de castanho sobre um fundo creme.

O bolbo tem as mesmos propriedades do anterior.

ALHO DO REINO = ALHO

ALMÉCEGA. — (*Bursera icicariba* Baill.)

Família das Burseráceas

Árvore de porte regular, produtora de madeira para construção civil, marcenaria e carpintaria. O tronco emana, naturalmente ou por incisões feitas na casca, um óleo — resina, aromático, amarelo-claro, que se solidifica ao contacto do ar, chamado *resina de almécega,* usada como calmante, hemostático e balsámico.

Houve tempo que a resina de almécega substituiu o incenso nas igrejas do Brasil.

Os frutos são comestíveis e as sementes oleosas.

ALPISTA. — (*Phalaris canariensis* L.)

Família das Gramíneas

Cultivado pelas sementes, alimento básico dos pássaros engaiolados. Trata-se de uma erva cespitosa, até 80 cm. de altura, de folhas lanceolado-lineares e flores dispostas em panículas terminais espiciformes, branco-argenteas, com manchas verdes, produzindo pequenos grãos amarelos e luzidios.

Oriunda do sul da Europa e das ilhas Canárias. *Capim Alpista* e *Milho Alpista* são sinónimos populares.

AMA. — (*Ruellia macrantha* Mart.)

Família das Acantáceas

Planta de lindas flores simples vermelhas ou roxas. Ornamental. Natural da Europa.

AMARELINHO. — (*Cusparia trifoliata* Engl.)

Família das Rutáceas

E' uma árvore alta, com flores brancas ou róseas, aglomeradas em capítulos axilares.

A casca pardo-avermelhada, resinosa e amarga, conhecida na farmacopeia por *cortex Angusturae,* já gozou de grande reputação no tratamento das febres intermitentes e das disenterias.

AMARELO = AMARELINHO

AMARGOSO. — (*Tetraulacium veronicaeforme* Turcz.)

Família das Escrofulariáceas

Erva de folhas inferiores opostas, vegetanto em terrenos baixos e estéreis. Não lhe conheço nenhuma aplicação.

AMEIXA. — (*Ximenia americana* L.)

Família das Olacáceas

Árvore ou arbusto espinhoso, de casca lisa, avermelhada, muito adstringente. Folhas alternas, oblongas ou elíticas, inteiras, arredondadas no ápice. Flores branco-amareladas, peludos, rescendendo aroma idêntico ao das flores das laranjeiras.. Fruto drupa amarelo-alaranjada, subglobosa, aromática, comestível, envolvendo um semente.

Usa-se a casca como adstringente, quer em banhos prolongados nas menstruações excessivas, quer em cozimento na lavagem das feridas. As sementes são oleaginosas. Madeira leve e elástica, própria para cabo de ferramentas.

Cosmopolita tropical, das praias marítimas e taboleiros arenosos circunvizinhos.

AMEIXA BRAVA. — (*Ximenia coriacea* Engl.)

Família de Olacáceas

Arbusto espinhoso, de folhas alternas, oval-alongadas. Flores amarelas, peludas, em cachos. Fruto drupa amarelada, esférica, medindo uns 3 cm., de polpa mole, aromática, com um sabor ácido agradável, comestível.

Propriedades idênticas á anterior.

AMEIXA DA TERRA = AMEIXA BRAVA

AMEIXA DO BRASIL = AMEIXA

AMEIXA DO CABO. — (*Carissa carandas* L.)

Família das Apocináceas

Originária do sul da Ásia, foi introduzida no Ceará pelo agrónomo Esmerino Parente.

A sua cultura não tem despertado interesse entre os nossos fruticultores.

Arbusto espinhoso, de folhas pequenas, elíticas, coriáceas e glabras. Flores brancas, aromáticas, dispostas em cimeiras terminais. Fruto baga de 2-3 cm., vermelho escuro quando maduro, com muitas sementes comestíveis.

AMÊNDOA BRAVA = MERENDIBA

AMENDOIM. — (*Arachis hypogaea* L.)

Família das Leguminosas Papilionadas

Planta anual, herbácea, de caules angulosos, erectos e prostrados, com todos os órgãos verdes hirsutos. As flores são amarelas, estriadas de vermelho, umas grandes, estéreis, e outras menores, mais próximas ao solo e férteis. Os pedúnculos destas últimas, depois da floração, se alongam e mergulham no solo, onde os frutos crescem e amadurecem.

As sementes são alimentícias sob diversas formas e na África constituem a base alimentar de cerca de 100 milhões de pessoas. Submetidas á pressão produzem de 30 a 40% de óleo, muito usado na alimentação e na indústria. A torta das sementes é um bom concentrado para os animais e toda planta, verde ou fenada, recomenda-se como excelente forragem, comparável á alfafa. Seria de grande vantagem económica e de alto valor dietético para o nosso povo que a sua cultura se fizesse em maior extensão.

Originário do Brasil. *Amendoim* é uma corrutela de *mandubi,* fruto enterrado ou sepultado, consoante a explicação de Baptista Caetano, no *Vocabulário* já citado, p. 217

AMENDOIM RAJADO = AMENDOIM RASTEIRO.

AMENDOIM RASTEIRO. — (*Arachis prostrata* Benth.)

Família das Leguminosas Papilionadas

Planta herbácea, perene, de caules completamente prostrados, vilosos. As flores são pequenas e amarelas.

Para Engler, *A. hypogaea* não é mais que uma forma cultivada, muita antiga, desta espécie.

As mesmas propriedades da precedente, acrescentando-se ser um adubo verde de superior qualidade.

AMOR CRESCIDO. — (*Portulaca grandiflora* Hook.)

Família das Portulacáceas

Planta herbácea e suculenta, de caules semi-prostrados, ás vezes vermelhos. Folhas carnosas, linear-lanceoladas, agudas ou obtusas, cilíndricas. Flores abundantes e belas, multicores, conforme as variedades naturais e as formas hortícolas cultivadas.

As flores desabrocham nas horas mais claras e quentes do dia, motivo por que lhe deram o nome de *Onze Horas*. Ainda lhe chamam de *Beldroega Grande*. *Amor Crescido* ás vezes é denominação extensiva á *Portulaca pilosa* L., isto é, ao *Alecrim de S. José*.

AMOR DOS HOMENS. — (*Hibiscus mutabilis* L.)

Família das Malváceas.

Arbusto ornamental, cultivado nos jardins.

Grandes flores solitárias, dobradas, que mudam de cor durante o dia: pela manhã são brancas, róseas ao meio dia e vermelhas á tarde.

Dessa mudança de coloração advem o nome específico e, maliciosamente, o vulgar. No Rio é conhecido pelas denominações de *Papoula* e *Rosa Louca*.

Oriunda da Ásia tropical.

AMOR PERFEITO. — (*Viola tricolor* L.)

Família das Violáceas

Planta herbácea, cultivada nos jardins das serras frescas. Há diversas formas, com flores de uma infinidade de matizes, até preto aveludado.

Natural do Velho Mundo e América Setentrional.

AMOREIRA BRANCA. — (*Morus alba* L.)

Família das Moráceas

Originária da China e do Japão. Devemos a D. João VI a entrada das primeiras amoreiras no Brasil, em 1811, plantadas no Jardim Botanico, do Rio.

Arbusto ou árvore, conforme as condições de solo e clima. Folhas alternas, finas, lisas ou ligeiramente rugosas, ovado-cordiformes, inteiras, serradas, irregularmente lobadas ou fendidas, glaucas na página superior, verde-pálidas no dorso, pubescentes nas nervuras, pecíolo longo, caniculado, com duas estípulas caducas na base. Flores pequenas, esbranquiçadas, apétalas, unisexuadas, em amentilhos. Fruto serose pequena, cilíndrica, pedunculada, branca, rósea ou preta, doce, insípida. Sementes pequenas, 1-1,5mm., arredondadas, alvacentas.

Apresenta elevado número de variedades, destacando-se a *tenuifolia macrophylla* e *latifolia*.

O seu valor economico reside quase todo nas folhas, alimento exclusivo do bicho da seda, até hoje insubstituível, pois a planta que mais se lhe aproxima — *Maclura aurantiaca,* dá resultados pouco satisfatórios. As folhas ainda se recomendam como forragem para os gados, especialmente ovino e caprino.

O fruto dá uma boa geléia, de largo consumo em vários países europeus. Fornece álcool e vinho pela distilação. Emprega-se também no fabrico de licores. No Afganistão, durante 8 meses no ano, é o alimento por assim dizer exclusivo da população pobre, Na farmacopeia há uma grande uso do xarope de amoras, aconselhado nas faringites e debelação de afecções pouco graves do aparelho digestivo.

Fornece madeira de alburno amarelo-pálido e cerne amarelo-carregado por fora e pardo-avermelhado por dentro. Pela textura, elasticidade, coloração, aplica-se na carroçaria, marcenaria, tanoaria, movelaria, ebanisteria.

AMOREIRA PRETA. — (*Morus nigra* L.)

Família das Moráceas

Menor e mais rústica que a anterior, de tronco coberto por casca rugosa escura. Folhas alternas, grandes, duras, espessas, ásperas, pubescentes, inteiras, cordiformes, grosso-dentadas, raramente lobadas, atro-verdes no ventre e glaucas no dorso, tendo na base duas estípulas opostas, avermelhadas, lanceoladas, pubescentes. Flores em amentilho. Fruto sorose maior que o da amoreira branca, séssil ou sub-sessil, vermelho-escuro, quase preto, acídulo, adstringente, agradável.

As principais variedades são: *dentada, lobata, laciniata, scabra.*

Para De Candollo a sua região de origem situa-se ao meio dia do Cáucaso e do mar Cáspio.

Propriedades análogas ás da precedente, convindo notar, entretanto, que os seus frutos são os preferidos para a alimentação e as suas folhas convem menos ao pasto do bicho da seda que as da *Amoreira Branca.*

ANANAZ = ABACAXÍ

ANDÁ-AÇU. — (*Joannesia princeps* Vell.)

Família das Euforbiáceas

Árvore de pórte elegante. Folhas alternas, pecioladas, 3-5- foliolos, elíticos e glabros. Flores miúdas, apétalas, roxas ou brancacentas ,em panículas. Fruto cápsula grande, deiscente, redondo, com duas cavidades, cada uma com uma semente ovóide.

Produz madeira branca, leve, de 0,494 a 0,540 de peso específico, fácil de trabalhar, empregada na caixoteria e especialmente no fabrico de palitos de fósforo.

As sementes dão 37% de óleo amarelo-claro, inodoro, acre, secativo e grandemente drástico. A casca, tanto da árvore como do fruto, passa por venenosa e serve para entinguijar as águas.

Árvore de crescimento rápido e frondosa, recomendar-se-ia á arborização se não fosse o inconveniente de seus frutos grandes com amêndoas terrivelmente purgativas.

Andá-açu vem de *andá*, fruto duro ou fruto purgativo (Baptista Caetano, *Vocabulário* ct., p. 34) e *açu*, grande.

Cresce desde as Guianas até S. Paulo e Minas Gerais e tem ainda as seguintes denominações : *Coco de Purga, Fruta de Arara, Purga dos Paulistas, Purga do Gentio.*

ANDIROBA. — (*Carapa guianensis* Aubl.)

Família das Meliáceas

Árvore de elevado pórte, com folhas grandes, imparipinadas, de numerosos folíolos verde-escuros. As flores são pequenas, amarelas e vermelhas, de cheiro desagradável, axilares. Fruto cápsula lenhosa, pardacento, 4-angular, subgloboso ou ovoide, com 2-5 sementes, cor de tabaco, grandes, angulosas, quase lenhosas.

A madeira, vermelho-acinzentada, inatacável por qualquer parasita, recomenda-se para obras internas, construção civil e naval e tem de pêso específico 0,728 a 0,769. A casca, encerra o alcaloide *carapina*, é adstringente e usada em cozimento para curativo de feridas e úlceras. As sementes dão 70% de óleo, muito amargo, conhecido por *azeite de andiroba*, já usado pelos índios antes do Descobrimento, e aplicado em erisipelas, feridas, picadas de insetos, nas bicheiras que afligem os animais domésticos, fabrico de sabão e limpeza de moveis.

Dias da Rocha (*Formulário Terapêutico*, p. 19) regista o emprego do óleo, em fricções, no combate ao reumatismo e, em unturas, contra os piolhos da cabeça e do púbis.

A andiroba, pelo pórte magestoso, tronco linheiro e copa alta, presta-se á arborização de avenidas e parques.

O nome é currução do tupi *yandy* óleo e *rob* amargo, conforme a lição de Barbosa Rodrigues, *Hortus Fluminensis*, Rio de Janeiro, 1894, p. 73.

ANDREQUICÉ = CAPIM ANDREQUICÉ

ANGÉLICA. — (*Polianthes tuberosa* L.)

Família das Amarilidáceas

Bela planta do México, frequente nos jardins.

Herbácea, bolbosa, folhas inteiras, compridas, frequentemente avermelhadas na parte inferior. As flores, singelas ou dobradas, são brancas, em rácimos terminais simples, de perfume penetrante, acentuado depois do pôr do sol.

ANGÉLICA BRANCA. — (*Funkia subcordata* Spreng.)

Família das Liliáceas

Comum nos jardins. Originária da China e do Japão.

Herbácea, folhas ovado-cordiformes, acuminadas e flores branco-lácteas, afuniladas, aglomeradas em espigas curtas, com um perfume análogo ao das flores da laranjeira.

ANGÉLICA BRAVA. — (*Guettarda angelica* Mart.)

Família das Rubiáceas

Arbusto de casca escura e lenho muito duro. Folhas opostas, curtamente pecioladas, lanceoladas ou elítico-acuminadas, pubescentes. Flores pequenas, brancas, aromáticas, em cimos axilares. Fruto pequena drupa, achatado e anguloso, esbranquiçado quando maduro, coroado no ápice.

Raiz de cor castanha, conhecidíssima entre os ervanários, pelo nome de *raiz de angélica,* de largo emprêgo como emenagoga e abortiva. E' ainda tónica, estomacal e febrífuga.

Do Piauí até S. Paulo e Minas Gerais.

ANGÉLICA DE RAMA = MARIA DA COSTA

ANGÉLICA DO MATO = ANGÉLICA BRAVA

ANGELICÓ

Nome comum ás espécies abaixo, todas da família das Aristoloquiáceas :

1. — *Aristolochia allemanii* Hoehne — Trepadeira, de folhas pecioladas, ovadas, oblongas ou ovado-lanceoladas, profundamente inciso-cordadas na base, com flores solitárias, axilares, de perianto amarelado riscado de veias vermelhas, lábio superior quase nulo e o superior dilatado transversalmente em dois lobos de ponta mucronada.

Todo o Nordeste.

2. — *Aristolochia birostris* Duch. — Trepadeira de cheiro desagradável. Caule delicado e folhas longamente pecioladas, ovado-cordiformes. Flores pequenas, amarelo-pardacentas, com o utrículo calicino obcónico, tubo oblíquo e lábio em forma de bico curvado, solitárias e axilares.

Do Piauí á Baía.

3. — *Aristolochia cordigera* Willd. — Trepadeira de folhas pecioladas, ovado-cordiformes, obtusas no ápice, cordado-incisas na base. Flores axilares, solitárias, de perianto unilabiado, escuro, de aroma esquesito.

Norte do Brasil. *Cipó de Coração,* no Pará.

4. — *Aristolochia trilobata* L. — Trepadeira lenhosa, lisa, com folhas ovado-trilobadas. Flores axilares, grandes, de perianto verde-amarelado com veias vermelho-escuras, internamente brancacento, com lábio pardacento-avermelhado muito comprido.

América tropical. *Urubucaá,* no Amazonas.

Na terapêutica popular os *angelicós* são afamados como emenagogos, estimulantes, tónicos, sedativos, diuréticos e febrífugos. Assim provocam o aparecimento das regras nos casos de atonia uterina e amenorréa; estimulam o apetite; agem como calmante na histeria, epilepsia, convulsões; são úteis no tratamento das cistites, hidropisias, no combate ás febres palustres e ainda como antídoto do veneno das cobras. O dr. Alfredo Augusto da mata, *Flora Médica Brasiliense,* Manaus, 1913, p. 280, afirma que em seis casos de tratamento de orquites obteve bom resultado com o decoto da raiz.

Tantas aplicações justificam de modo cabal a denominação de *Milhomens,* ou *Milome,* como diz o vulgo, dada a estas plantas por atenderem ao tratamento de numerosas doenças humanas.

ANGELIM

Chamam-se as duas espécies seguintes, da família das Leguminosas Papilionadas :

1. — *Andira anthelmintica* Benth. — Árvore grande, de copa basta e lustrosa, folhas imparipinadas, folíolos elíticos, flores roxo-róseas, dispostas em cachos compactos. Fruto drupa ovóide, verde, tendo um caroço grande, de amêndoa branca, amarga e picante, muito procurada pelos morcegos, vindo daí o nome genérico *Andirá,* apelativo comum aos morcegos entre os índios tupis.

A madeira, de cor amarela, torna-se depois pardo-escura e presta-se para obras internas e externas, resistindo ao ataque dos insectos, graças aos seu grade sabor amargo. Peso específico médio : 0.984. Resistência ao esmagamento por cm2. de secção : carga perpendicular : 141 kg; carga paralela : 494 kg.; sem determinação de posição, de 684 a 1.007 kg.

As cascas são drásticas, eméticas e narcóticas. O pó das sementes, em pequenas doses, antelmíntico, ao contrário produz vómitos, tonteiras e póde até ocasionar a morte.

Encontra-se desde as Guianas até Santa Catarina e Mato Grosso.

2. — *Andira vermifuga* Mart. — Árvore de folhas opostas, 7-11 folíolos elítico-lanceolados, glabros na face ventral e com as nervuras do dorso cor de ferrugem e aveludadas. Flores violáceas, lanuginosas, dispostas em rácimos terminais erectos. Fruto drupa, ovóide e grande, amarelada quando madura, de sabor amargo e acre, com uma única semente.

Nordeste, Rio de Janeiro, Minas Gerais, S. Paulo, Mato Grosso. *Angelim Doce,* em Pernambuco.

ANGICO

São conhecidos os seguintes, das Leguminosas Mimosóideas :

1. — *Piptadenia colubrina* Benth. — E' uma bela árvore, de casca rugosa, fendida, pardo-escura, muito grossa. Folhas pinadas, folíolos opostos, miúdos, lineares, luizdios. Flores brancas, pequenas, um tanto perfu-

madas, em capítulos globosos. Fruto vagem estreita e comprida, vernicosa, contraída entre as sementes.

Madeira de lei para taboados, vigamentos, tacos e trabalhos de marcenaria. Ótima para confecção de móveis finos, dando-lhes belos efeitos as suas raias escuras e vermelhas. Empregam ainda em rodas de engenho, eixos de bolandeiras, lenha e carvão. Não se recomenda muito em obras externas. Peso específico médio : 0.910. Resistência ao esmagamento : carga perpendicular, 582 : carga paralela, 626; sem determinação da posição, 755 kg. por cm2.

A casca, pelo tanino que encerra (32%), é indispensável á indústria de cortume e tanta é a sua procura que esta árvore não tardará a desaparecer da nossa paisagem botanica.

O tronco exsuda goma-resina, de cor amarelo ambar, sem sabor e cheiro, altamente béquica. As cascas, em infusão, xarope, maceração e tintura são hemostáticas, depurativas, adstringentes, peitorais. As folhas são tóxicas ao gado.

Conhecido também por *Angico Branco*. Encontrado em toda a América meridional tropical e, no Brasil, desde o Amazonas até ao Paraná e Goiaz.

2. — *Piptadenia rigida* Benth. — Desde o Ceará até ao Rio Grande do Sul e Minas Gearis. A madeira com as aplicações da do *Angico Branco*, sendo a casca mais rica em tanino (40%).

Em São Paulo tem o nome de *Angico Vermelho*.

ANGICO BRANCO = ANGICO

ANIL. — (*Indiofera suffruticosa* Mill. = *I. anil* L.)

Família das Leguminosas Papilionadas

Arbusto de 1-2 m. de altura, com 11-13 folíolos oblongos ou ovais. As flores miúdas, numerosas, em espigas axilares, são albo-róseas ou amareladas. O fruto é uma pequena vagem falciforme, não comprimida entre as sementes.

Planta tintória, seu cultivo logrou desvelos especiais ao tempo do Brasil Colonia. As raizes e folhas antiespasmódicas, sedativas e diuréticas.

Toda a América tropical. *Caá-chica*, no Amazonas.

ANIL BRAVO. — (*Tephrosia cinerea* (L.) Pers.)

Família das Leguminosas Papilionadas

E' uma erva de ramos róseos ou roxos, pubescentes, em touceiras. Folhas imparipinadas, com folíolos linear-oblongos, glabros no ventre e cinzento-seríceos no dorso. Flores fasciculadas, violáceas ou rôxas.

Tóxica. As folhas, o sumo e as raizes embriagam os peixes, constituindo um dos *tinguis* usados nas pescarias. Lavam as úlceras com o seu cozimento.

Própria dos areiais das costas secas, de preferência ao pé das dunas, do lado do continente, em toda a América tropical.

ANIL DO MATO. — (*Eupatorium laeve* DC.)

Família das Compostas

Arbusto grande, até 4 m. de altura, com folhas opostas, longo-pecioladas, ovado-oblongas, acuminadas, serradas membranosas, glabras, grandes. Flores pálidas, em capítulos corimbosos. Fruto aquênio comprido e glabro.

Tóxica. As folhas encerram 70% de indigotina.

Do Maranhão até São Paulo. *Anil-Açu* e *Arruda Brava,* no Rio de Janeiro.

ANIL MIÚDO. — (*Indigofera microcarpa* Desv.)

Família das Leguminosas Papilionadas

E' um arbustinho de folíolos pequenos, oblongos, canescentes. Inflorescencia em rácimos de flores violáceas. O fruto vagem pequena, um pouco contorcida, híspida-pubescente, pêndula.

Forrageira. Crece nos sítios arenosos da região litoranea, desde as Antilhas ao norte da América Meridional. Do Ceará á Baía. Ás vezes *Anil do Mato.*

ANIL TREPADOR. — (*Cissus sicyoides* L.)

Família das Vitáceas

Trepadeira comprida, até 6 m. de altura ou mais, com raizes aéreas que caem verticalmente. Folhagens e ramos pubescentes ou quase glabros. Folhas simples, ovadas ou ovado-oblongas, agudas, acuminadas ou ocasionalmente arredondadas no ápice, truncadas ou cordadas na base, serradas, os dentes agudos ou terminados em cerda. Flores pálidas ou amarelo-esverdeadas dispostas em cimeiras corimbiformes. Fruto baga globosa-ovoide, preta, de 7-10 mm. de diametro, contendo uma única semente, preta, obvoide, de 4-6 mm. de comprimento.

Os frutos produzem uma tinta azul, usada pelos índios para tingir o algodão e outras fibras. As folhas maceradas dão espuma parecida com a do sabão. O suco da planta é tido como irritante da pele. Nas Antilhas, a decocção em partes iguais de folhas e ramos, passa como remédio de efeitos positivos contra a gripe, na dose de quatro chícaras ao dia, o mais quente que seja possível, como sudorífico. Os sarmentos servem para obras trançadas.

APERTA RUÃO. — (*Piper angustifolium* Ruiz & Pav. = *Piper elongatum* Vahl.)

Família das Piperáceas

Arbusto nodoso, com folhas alternas, curtamente pecioladas, de limbo coriáceo, com pontos translúcidos, oblongo-agudo ou lanceolado, de base desigual e piloso. Flores em espigas encurvadas, opostas ás folhas. Fruto pequena baga angulosa, achatada e aromática.

A infusão das folhas e flores é estomacal, balsámica, adstringente, desobstruente. Possui apreciável acção hemostática. O decocto aplica-se, externamente, como adstringente e hemostático local, nas feridas, úlceras, leucorreias, etc.

Artanthe cearensis Miq. é um dos seus sinónimos científicos, e *Erva de Soldado,* outra denominação vulgar.

ARAÇÁ. — (*Psidium araça* Raddi)

Família das Mirtáceas

Arvoreta ou arbusto grande. Folhas opostas, de 10 cm. de comprimento e 5 cm. de largura, elíticas ou obovais, coriáceas, um tanto pubescentes. Flores brancas, 1-3 em pedúnculos axilares. Fruto baga ovoide, de cor amarela, carne branca, mucilaginosa, doce, ligeiramente ácida, envolvendo muitas sementes achatadas ou reniformes.

Frutos comestíveis, saborosos, muito apreciados em marmeladas e araçasadas. Ao tempo do autor dos *Diálogos da Grandeza do Brasil,* meado do século XVI, já se fazia boa marmelada de araçá e o seu contemporaneo Gabriel Soares elogia-lhe o sabor e a recomendava "para os doentes de cambras".

Madeira para cabo de ferramenta; lenha e carvão excelentes. Peso específico : O.997. Cascas, folhas e sumidades empregadas como poderoso adstringente.

Com a designação de *araçá* os tupis englobavam os *Psidium* em geral. Batista Caetano, *Vocabulário* cit., p. 47, dá a seguinte etimologia : *ará-ça,* estação, época, oriunda do fruto aparecer no tempo preciso.

ARAÇÁ DA PRAIA. — (*Psidium cattleyanum* Sabine = *Psidium littorale* Raddi)

Família das Mirtáceas

Arbusto, atingindo ás vezes o porte de árvore, no máximo 6 metros de altura. As folhas menores que as da goiabeira, mais brilhantes e glabras. Fruto de fórma e cor variáveis, sendo mais apreciáveis os citrinos de polpa branca. Há os de casca vermelha e carne purpurina. Todos se prestam ao fabrico de boa marmelada, sendo que a polpa é doce, ligeiramente acídula, lembrando no sabor e no odor o morango, motivo de lhe chamarem, na França, *Goyave Fraise,* e nos Estados Unidos, onde é muito cultivado, na Califórnia, *Strwberry Guava.*

ARAÇÁ GRANDE. — (*Psidium petrosum* Vell.)

Família das Mirtáceas

Parecido com o araçá (*P. araça*), de frutos maiores e achatados. Ao amadurecerem apresentam partes da polpa endurecidas, *empedradas*, o que justifica o seu específico.

ARAPIRACA. — (*Piptadenia macrocarpa* Benth.)

Família das Leguminosas Mimosóideas

Árvore de porte mediano, frondosa e de casca verrucosa.

Madeira para carpintaria e marcenaria, lenha e carvão. Exsuda resina de aplicação medicinal e as cascas são taníferas. O gado come as folhas e os frutos.

Será *muirapiroca?* de *muira*, pau e *piroca*, calvo ou liso, conf. nota de Barbosa Rodrigues a John Luccok — *A Grammar and Vocabulary of the Tupi Language*, Rev. do Inst. Histórico, Geográfico e Etnografico, t. 46, 1a. parte, Rio de Janeiro, 1881, p. 49.

ARARUTA. — (*Maranta arundinacea* L.)

Família das Marantáceas

Erva perene, de rizomas fusiformes. Folhas verdes, alternas, pecioladas, envaginantes, ovado-lanceoladas, acuminadas, ligeiramente pubescentes na página inferior. Flores pequenas, brancas, em panícula frouxa, defendida por bráctea decídua. Fruto cápsula indeiscente. Sementes vermelho-pálidas, de arilo amarelo.

Os rizomas dão fécula branca, luzidia, inodora, própria para a dieta das crianças e velhos, entranto na confecção de biscoitos e diversos pratos.

Originária do Brasil.

ARATICUM

Este nome engloba as seguintes Anonáceas :

1. — *Annona crassiflora* Mart. — Planta de 1 a 2 m. de altura, de de caule tortuoso, casca grossa, suberosa e fendida. Flores verde-amareladas. O fruto é uma baga ovóide-obtusa ou cónica, amarela-esverdeada, de polpa branca, mas insípida.

As raizes, pela leveza, são aproveitadas para rolhas e boias.

Planta típica dos carrascos, vegeta desde o Ceará até Minas Gerais, S. Paulo, Mato Grosso e Goiaz. *Araticum de Boia, Araticum do Campo*, em Minas Gerais.

2. — *Annona glabra* L. — Árvore até 4 m. de altura, de casca grossa, avermelhada, com folhas ovais, oblongas ou ovadas. Flores amareladas, com a base das pétalas vermelhas. Fruto ovoide, quase liso, amarelado, com a polpa amarelo-creme, insípida, comestível.

Madeira pardo-escura, de veios amarelados, flexíveis, para ripas e caixoteria. As raizes com as aplicações da precedente.

Prefere os terrenos alagadiços e húmidos, mesmo lavados pelas águas marinhas. Em toda a América tropical e da Amazonia até Santa Catarina. *Araticum do Brejo,* na Amazónia e em outros Estados.

3. — *Annona marcgravii* Mart. — Planta árborea, de folhas obovado-oblongas, luzidias e flores amarelo-pálidas, aromáticas. O fruto tem uma polpa amarelo-pálida, mole, de cheiro pouco agradável, porém comestível.
Ceará até á Baía e Minas Gerais. *Araticum Ponhé,* na Bahia.

Do tupi *ara,* arara, *ticu,* líquido, massa, comida de arara, Barbosa Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., p. 50. Para Batista Caetano, *Vocabulário* cit., p. 48 proveria de *a-rati--cui,* cuia ou vaso de bagaço ou sabugo de frutas.

ARATICUM CAGÃO. — (*Annona furfuracea* St. Hill.)

Família das Anonáceas.

Arbusto lenhoso até 2 m. de altura, ramificado a partir da base e de casca suberosa. Folhas oblongo-lanceoladas, pulverulentas e de mau cheiro. Flores verdes por fora e internamente róseas ou vermelhas. Fruto baga composta de uns 8 cm. de diametro, ovóide, com as aréolas rómbeas, amarelado, de cheiro agradável, comestível.
Próprio dos taboleiros arenosos. Conhecido ainda por *Araticum Grande. Araticum do Campo,* em S. Paulo

ARATICUM DE TABOLEIRO. — (*Annona coriacea* Mart.)

Família das Anonáceas

Planta de 1-2 m. de altura, caule tortuoso, irregularmente esgalhado, de folhas ovadas ou oblongas, ásperas e claras. Flores esbranquiçadas ou amareladas. Fruto ovóide-obtuso, grande, liso, de polpa branca, pouco procurada comtudo.

As sementes, pisadas ou em tintura, como as dos demais *araticuns,* são empregadas no tratamento das diarreias crónicas. Dias da Rocha, *Formulário* cit., recomenda a infusão das folhas como emenagogo.
Nos agrestes do Ceará até S. Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso.

AROEIRA

O nome engloba as duas espécies que se seguem, da família das Anacardiáceas :

1. — *Astronium urundeuva* (Fr. Allem.) Engl, — E' uma árvore de tronco alto, linheiro, ás vezes com mais de 1 m. de diametro, encimada por ampla copa, formada de ramos flácidos. Estes, quando novos, são revestidos de pelos. As folhas alternas, imparipinadas, com 5-7 pares de folíolos, ovado-obtusos, pubescentes em ambas as faces. Flores em paní-

culas, purpúreas, com pelos bracacentos. Frutos pequeninos, globoso-ovais, curtamente apiculados.

Madeira de cerne roxo-escuro, com veios claros, dura, difícil de ser lavrada, para construção civil, esteios, dormentes, moendas de engenho, vigamentos, postes, obras hidráulicas, quase imputrescível ao contacto do chão. Peso específico : 1,212 a 1.218. Resistência ao esmagamento, sem determinação de posição : 1005 kg. cm2. As cascas são peitorais e empregadas no tratamento das hemoptises, graças ao elevado teor em tanino, que as torna aproveitáveis na indústria de cortume. A resina que exsuda do tronco é medicamento de larga aplicação entre os sertanejos. As folhas maduras passam por forrageiras.

Cresce, entre nós, aos sopés e quebradas das serras litoraneas e nos taboleiros praieiros, é a *Aroeira da Serra.* Do Ceará ao Paraguai. *Aroeira do Campo, Urundeuva,* em Minas Gerais e Rio de Janeiro; *Aroeira Preta,* em S. Paulo.

2. — *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *rhoifolia* Engl. = *Schinus aroeira* Vell.)

E' uma árvore que pode alcançar até cerca de 10 m. de altura e o tronco, erecto, revestido de casca cinzento-escura e áspera, cerca de 1 m. de diametro. A copa, ovóide, com ramos desenvolvidos, tem as folhas imparipinadas, pubescentes, com 2-4 pares de folíolos-oblongos, de margens crenadas. As flores em panículas terminais, miudas e roxas e os frutos pequena drupa, carnosa, avermelhada.

E' a *Aroeira do Sertão.* Típica das catingas nordestinas

Propriedades idênticas á anterior.

Para Paulino Nogueira, *Vocabulário Indigena* cit., p. 228, aroeira é uma abreviatura de *araroeira,* de *arara* e da terminação portuguesa *eira,* referente á árvore : *arvore da arara,* e, acrescenta o mestre, por que é a árvore em que de preferência essa ave pousa e vive.

Nota — Evidentemente á ultima espécie é que se refere Dias da Rocha, *Subsídio para o estudo da flora cearense* cit., p. 244, pois *Schinus aroeira* L. é um arbusto e não uma árvore alterosa, como diz este naturalista no seu *Formulário Terapêutico* cit., p. 27.

ARROZ. — (*Oryza sativa* L.)

Família das Gramíneas

Erva anual, de colmos erectos, robustos, cilíndricos, fistulosos, 1-1.50 m. de altura. Folhas envaginantes, longas, lineares, ásperas, rígidas e de ápice terminado em ponta. Inflorescencia em panicula terminal, grande, composta de espiguetas compridas, geralmente unifloras. Fruto cariopse coriáceo, glabro ou pubescente.

Indigena da Ásia, África e América do Sul. Na China, Índia e Ilhas vizinhas a cultura do arroz remonta a tempos imemoriais.

Datando de tão longe a sua domesticidade e agricultado em todas as regiões tropicais e subtropicais do mundo, é natural que apresente um sem

número de variedades, de grãos curtos ou compridos, brancos, amarelos, roxos, escuros e negros; umas palustres, outras de sequeiro.

Plantam-se, entre nós, as variedades conhecidas pelos nomes: *Agulha* (branco e dourado), *Caiana, Carolina, Chatão* (branco, vermelho), *Ligeiro, Macapá, Meroim* (branco, amarelo e dourado) *Matão* (dourado e branco), *Prata, Saquarema.*

Debaixo do ponto de vista alimentar supera ao trigo. Nutre cerca de um terço da população da terra. Constitui o alimento básico da raça amarela. Quanto ao valor nutritivo é inferior ao trigo, ao milho e ao sorgo. Pobre em protídios (7%), mas riquíssimo em glicídios (80%).

ARROZ DO MATO. — (*Andropogon condensatus* H. B. K. var. *paniculatus* Hack.)

Família das Gramíneas

Erva perene, de colmos erectos, até 1.50 m. de altura, robustos, com panículas corimbiformes, ramosíssimas.

Forragem mediocre, nova tem a relação nutritiva de 1:9,36. Os colonos empregam-se no enchimento de cangalhas, colchões, travesseiros coberta de palhoças. Material para papel.

Capim Rabo de Boi, em S. Paulo.

ARRUDA. — (*Ruta graveolens* L.)

Família das Rutáceas

Sub-arbusto de ramos e folhas de um tom azulado. Flores pequenas, amarelas, dispostas em corimbos.

Desde a mais antiguidade, tanto na Europa como na África, foi tida como planta mágica, capaz de anular o *mau olhado,* defender das doenças contagiosas e propicar o que se deseja. As damas romanas andavam com galhos de arruda nas mãos. Entre nós é indispensável nas benzeduras. Há pessôas que usam figas feitas de seu lenho.

Toda a planta desprende um cheiro fétido, activo, devido ao óleo essencial que encerra, de cor amarelo esverdeado, sabor amargo e muito espesso. As folhas e flores são emenagogas, antiespasmódicas, estimulantes e externamente usadas em fricções. As sementes, pardas e rugosas, são antelmínticas.

ARTEMÍGIO = ARTEMISIA

ARTEMISIA. — (*Artemisia vulgaris* L.)

Família ds Compostas

Arbusto pubescente, aromático, de folhas alternas, incisas, com numerosas flores brancas, em pequenos capítulos dispostos em panículas.

Natural da Europa. *Artemige, Artemige da Praia, Flor de São João,* no Rio de Janeiro.

Pouco cultivada. As flores são tónicas e emenagogas.

ASPARGO. — (*Asparagus sprengeri* Regel)

Família das Liliáceas

Originária da África austro-oriental. Caules espinecentes, ramosos e foliosos, pendentes, atingindo até 3 m. de comprimento. Flores brancas, miúdas, perfumadas, em rácimos axilares. Fruto baga vermelha, pequena. Excelente para adornar vasos suspensos.

ASSA-CARNE. — (*Casearia aculeata* Jacq.)

Família das Flacourtiáceas

Arbusto ou árvore pequena, de ramos alongados e decumbentes, com folhas pelúcido-punctadas e flores pequenas, brancas, quase verdoengas ás vezes, em corimbos paniculados e axilares.

ASSA-PEIXE

Nome comum de *Vernonia scabra* Pers. e *Vernonia scorpiodes* Pers., sub-arbustos de caules angulosos, com folhas alternas, elíticas, alongadas ou lanceoladas, flores esbranquiçadas, dispostas em panículas terminais, crescendo nas capoeiras da serra de Baturité e pertencentes á família das Compostas.

O cozimento de toda a planta, em banhos ou loções, Dias da Rocha recomenda para o reumatismo inflamatório.

ASSAÍ. — (*Euterpe oleracea* Mart.)

Família das Palmáceas

Em touceiras de espiques cilíndricos, um pouco curvos, anelados e duros. Os frutos, dispostos num espádice ramoso, são pequenas bagas ovóides ou redondas, roxo-escuras, quase negras na maturidade, com uma massa da mesma cor e um caroço pequeno e duro.

O fruto maduro, amassado em água quente, produz a conhecida bebida de seu nome, purpurina e aromática, tomada com açúcar e farinha, de uso universal na bacia amazónica. Aqui, devido a secura do ambiente, os frutos encerram pouca massa e esta tem um travo desagradável. A amendoa produz óleo esverdeado e amargo. As raizes passam por depurativas.

Amazonas até á Baía.

Assaí é corrutela de tupi *yá-çai,* fruto que chora, reçuma ou deita

água, na opinião de Macedo Soares, abonada por T. Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional,* 2a. ed., p. 203.

ASTRAPÉIA. — (*Dombeya wallichiii* Benth. = *Astrapaea wallichii* Lindl).

Família das Esterculiáceas

Planta ornamental e melífera, até 6 m. de altura, de grandes folhas longamente pecioladas, cordiformes, dentadas e pubescentes. Flores róseo-purpurinas, numerosas, em glomérulos esféricos e pendentes.

Natural de Madagascar. Não data de muito a sua introdução no Ceará.

ATA. — (*Annona squamosa* L.)

Família das Anonáceas

Planta americana, talvez das Antilhas e regiões continentais circunvizinhas, cuja introdução na África e na Ásia está claramente demonstrada, onde se naturalizou de tal maneira em certos lugares que mais parece espontanea, o que ocasionou alguns juizos erroneos a respeito de sua origem. Para Jaques Huber, *Notas sobre a pátria e distribuição geográfica das árvores frutíferas do Pará,* Boletim do Museu Goeldi, v. IV, n. 2 e 3, 1904, p. 380, foi introduzida na Baia em 1626, pelo Conde de Miranda, em cuja honra foi baptizada de *fruta do Conde.* Não sei em que documento se firmou Huber para tal afirmação. Se exacta, o certo é que a *fruta do conde* não se disseminou, tanto que na relação das plantas existentes no Real Jardim de Olinda, de 25 de Setembro de 1812, figuram como plantas exóticas, não havidas no país, vindas de Caiena, 11 pés de *Pomme Canelle* ou *Fruta de Conde* (*Annona squamosa* L.), conforme se pode ver na *Revista do Instituto A. e Geografico Pernambucano,* Abril de 1890, p. 95.

Arvoreta, 3-5 metros de altura, de casca pardacenta e esgalhada. Folhas pecioladas, alternas, dísticas, oblongo-lanceoladas, 5-10 cm. de comprimento, verde-pálidas, glabras, medianamente coriáceas. Flores pequenas, carnosas, isoladas ou agrupadas 2-4, curtamente penduculadas, amarelo ou branco-esverdeadas, frequentemente manchadas de vermelho-purpurino na base. Fruto baga composta, redondo, ovoide ou cónico, de casca verde-pálida, constituído de carpelos frouxamente imbricados, salientes, escamosos, de polpa branca, mole, doce, com muitas sementes pretas.

Além da variedade comum, cujo fruto é verde quando maduro, há a variedade *roxa,* de fruto verde-claro, arroxeado na junção das aréolas.

A composição química do fruto maduro, segundo G. Martina, *Estudo Químico sobre algumas Frutas Brasileiras,* Belém, 1902, p. 85, é a que se segue :

Água	69,20%
Cinzas	1.00%
Celulose	12.00%
Resina	0.30%

Matéria azotada	2.80%
Fécula	1.73%
Pentaglicose..	0.80%
Ácido tartárico	0.37%
Glicose	11.70%

Veramente estimada pela delicadeza e sabor dos frutos, restringe-se o seu consumo á zona produtora, visto como a exportação se torna impossível em face da pouca resistência do fruto maduro.

As folhas são carminativas e, esmagadas, empregam-se em sinapismos nas dores de cabeça e nevralgias. As sementes são insecticidas.

Paulino Nogueira, no *Vocabulário Indígena,* cit. p. 228, abonou a etimologia proposta por J. Luccok, *A Grammar and Vocabulary* cit., p. 14, que deriva *ata,* por metátese, do tupí *tata,* fogo, da facilidade com que a madeira desta planta se queima.

Levado por falsas deduções filológicas, julgava Saint-Hilaire que *ata,* termo corrente na Índia, proviese de uma raiz linguística oriental, trazido ao Brasil, juntamente com a planta, pelos portugueses. Vejamos o que a respeito escreveu o insígne monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, no seu *Glossário Luso- Asiático,* v. I, Coimbra, 1919, p. 63 :

> "E' muito intricada a questão da pátria e da etimologia de *ata* e de *anona,* cujos nomes se trocam e se confundem por vezes, e que se dão espontaneamente em várias partes da Índia, como aconteceu com o caju e a goiaba.
>
> Nas esculturas de Barhut, nas talhas de Muthra e nas pinturas murais de Ajanta representa-se uma fruta muito parecida com a ata, mas de grandeza descomunal. O general Cunningham identifica-a com *Anona squamosa,* filia o seu nome indiano *at* ou *ata* no sansc. *atrapya,* e mantem que os portugueses, introduzindo-a na Índia, não fizerão mais que levar carvão para Newcastle.
>
> Max Muller, porém, põe em dúvida a existência do vocábulo *atrapya* no sanscrito verdadeiro; e Yule & Burnell sugerem que se têm inventado nomes sanscritos para muitos objectos só conhecidos nos últimos séculos. Fundados na autoridade do botanico holandês Rheede e em um vocabulário de Manila, presumem estes autores que a ata e seu nome foram para India do México por via das Filipinas, enquanto a anona e o seu nome foram de Hispaniola por via do Cabo de Boa Esperança.
>
> *V. Glossary,* s. v. *custard-apple.*
>
> Cumpre contudo notar que, se *Anona squamosa* entrou pelas Filipinas, não levou consigo o nome de *ata,* porque as linguas malaias lhe não dão tal nome, mas o de *nona,* e bem pode ser que *ate* ou *atte* do vocabulário de Manila seja de introdução moderna".

A razão está com Yule e Burnell. *Ata* é uma americanismo, com

certeza um mexicanismo, já registado em 1651 por Hernández, no seu livro *Rerum medicarum Novae Hispaniae Thesaurus,* Roma, 348, 454, onde descreve e ilustra a *Annona squamosa* sob o nome de *ate* ou *hate* de Panucho. Ainda hoje *hate* é a denominação corrente desta planta nos estados mexicanos de Jalisco e Veracruz. O nome disseminou-se com a planta e tornou-se comum na Ásia e na América portuguesa. Na América espanhola chamam-na de *Anon. Sugar-Apple* e *Sweet-Stop,* nas Antilhas inglesas.

No Brasil, ao lado de *Ata,* há as denominações *Pinha* e *Fruta de Conde. Pinha,* por causa da similhança da baga com o fruto do pinheiro, em Pernambuco, Baia, Rio de Janeiro, e neste também *Fruta de Conde. Ata,* no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí. *Ateira* é a planta.

AVENCA

Nome das espécies indígenas e das exóticas introduzidas do género *Adiantum* e de outras dos géneros *Asplenium, Lindsaya* e *Polypodium,* pertencentes á família das Polipodiáceas.

Vivem á sombra das árvores, nas fendas das rochas, ao fundo dos barrancos húmidos e ao pé dos riachos das nossas serras frescas.

Criptógamas de folhagem delicada, mimosa, grandemente ornamental, tanto que diversas delas são cultivadas como elementos indispensáveis ao embelezamento das estufas, dos salões, dos lugares sombrios e das cascatas e cursos dágua dos jardins.

1 — *Adiantum brasiliense* Raddi. — Á sombra das matas e á beira dos riachos da serra de Baturité. Rio de Janeiro.

2. — *Adiantum deflectens* Mart. — Na serra de Baturité. A variedade *flagellatum* foi encontrada na serra do Araripe. Do Amazonas ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso. Venezuela, Guianas, Argentina.

3. — *Adiantum dolabriforme* Hk. — Serra de Baturité. Estados nortistas.

4. — *Adiantum dolosum* Kze. — Sítio Caridade, na serra de Baturité. Do Amazonas a S. Paulo. América tropical.

5. — *Adiantum glareosum* Lindm — Do Ceará e Mato Grosso. Temos ainda a variedade *monosorum* Brade, colectada na serra de Baturité, onde a espécie cresce á margem dos riachos serranos. Cultivada nos jardins.

6. — *Adiantum macrophyllum* Sw. — Na mata da serra de Baturité. Do Amazonas a S. Paulo, Minas Gerais, Goiaz e Mato Grosso. América tropical. Cultivada. As folhas novas são róseo-bronzeadas.

7. — *Adiantum melanoleucum* Willd.

8. — *Adiantum obliquum* W. — Nas serras de Maranguape e Baturité. S. Paulo e Mato Grosso. Cultivada nos jardins.

9. — *Adiantum petiolatum* Desv. — Serra de Baturité. Do Amazonas ao Mato Grosso. América tropical.

10. — *Adiantum pulverulentum* L. — Nas matas das serras de Maranguape e Baturité. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul. América tropical. Cultivada nos jardins.

11. — *Adiantum tenerum* Sw. (*Adiantum trapeziforme* Vell.) — Serra de Baturité. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Bermudas, México, Argentina. Cultivada nos jardins. Folhas peitorais.

12. — *Adiantum terminatum* Kze. — Serra de Baturité. Do Amazonas ao Estado de S. Paulo. Guianas.

13. — *Adiantum tetraphyllum* Sw—Frequente nas matas da serra de Baturité. Desde o Amazonas até Santa Catarina. América tropical e África ocidental tropical.

14. — *Adiantum villosum* Schk. — Serra de Baturité. Do Amazonas ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. América áustro-tropical.

15. — *Asplenium auriculatum* Swartz — Lugares sombrios das serras de Maranguape e Baturité. Amazonas ao Rio Grande do Sul. América tropical. Cultivada.

16. — *Lindsaya lancea* (L.) Bedd. =*Adiantum lancea* L. — Na mata das serras de Maranguape e Baturité. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul. América tropical. Ceilão e Malásia. Cultivada.

17. — *Polypodium aureum* L. (*P.auratum* Vell.) — Serra de Baturité, sobre cafeeiros. Cultivada nos jardins, ás vezes com o nome de *Avenca Dourada*. Rizoma tenífugo e béquico e as folhas antiemorrágicas.

AVENCA CABELO DE VENUS. — (*Adiantum capillus-veneris* L.)

Família das Polipodiáceas

Originária da Europa, onde é a única espécie do género, encontra-se naturalizada na serra de Baturité, nas margens rochosas e húmidas dos riachos, em lugares sombrios. Cultivada em vasos é comum no interior das habitações.

As frondes em cozimento, xarope, balas e outras preparações passam por peitorais e emenagogas.

AVENCA DE ESPIGA. — (*Aneima phyllitidis* (L.) Swartz)

Família das Squizeáceas

As frondes são circinadas, compostas de folhas alternas, subopostas, quase sésseis.

Ornamenta o interior das habitações e os recantos umbrosos dos jardins. As frondes, em xarope ou cozimento, são usadas como calmante.

Encontra-se na serra de Baturité, á beira dos riachos e alagadiços. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul. América tropical.

AVENCA DOURADA = AVENCA (*Polypodium aureum* L.)

AVENCA ESTRELADA. — (*Cheilanthes radiata* (L) R. Br. = *Adiantum radiatum* L.)

Família das Polipódiaceas

Na mata da serra de Baturité. Minas Gerais e S. Paulo.

Espécie elegante, de espique erecto, fasciculado e frondes pinadas, segmentos muito divididos e lóbulos irregulares.

Cultivada. Em Minas Gerais tem o nome de *Avenca de Minas.*

AVENCA MIÚDA

Com este nome há duas Polipodiáceas :

1. — *Adiantum cuneatum* L. & F. — Nos lugares húmidos da serra de Baturité. Em todo o Brasil, mormente do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Os espiques são erectos, ramificados, castanho-escuros e as folhas delicadas, cuneiformes e muito recortadas.

Béquica como outras espécies anteriores. O seu grande valor está nas qualidades ornamentais, principalmente da variedade *gracilimum.*

2. — *Adiantum lunulatum* Burm. — Cresce na África, Ásia, Austrália, Polinésia tropical, América Central e em todo o Brasil.

Espique e pecíolos pretos, frondes pinadas, com folíolos alternos, irregulares, em forma de leque ou de crescente, incisos no ápice, formando lóbulos desiguais.

A infusão das frondes é empregada no combate á tosse e á bronquite.

Diz Pio Correa, *Dicionário das Plantas Uteis de Brasil,* 1 v., Rio de Janeiro, 1926, p. 205, que a esta espécie, na Malásia ou outro ponto do Oriente, davam o nome de *Avenka,* adotado e generalizado pelos portuguêses ás demais espécies do género, inclusive a europeia, que parece haver perdido o primitivo nome português. Entretanto, uma autoridade do porte de monsenhor Sebastião Dalgado, no monumental *Glossário Luso-Asiático,* nenhuma referência faz a esse respeito.

AVENQUINHA

O nome engloba duas Polipodiáceas :

1. — *Asplenium lunulatum* Swartz = *Asplenium brasiliense* Raddi —

Cresce nos lugares húmidos, entre pedras musgosas, na serra de Baturité. Provavelmente em todo o Brasil.

As frondes são pinadas, 6-15 cm. de comprimento, com folíolos alongados e obtusos.

A infusão das frondes emprega-se como calmante e peitoral.

2. — *Polypodium incanum* Swartz — Epífita sobre os troncos das árvores e pedras musgosas, na serra de Maranguape. Provavelmente em todo o Brasil. Estados Unidos, Argentina, Chile, África austral.

Fronde de uns 3 cm. de comprimento, imparipinadas, com folíolos opostos e obtusos, densamente cobertos de pelos arruivados na página inferior e quase glabros na superior.

Mesmas propriedades medicinais da anterior.

AZÁLEA. — (*Rhododendron indicum* Swartz = *Azalea indica* L.)

Família das Ericáceas

Arbusto piloso, de folhas lanceolado-elíticas, acuminadas e flores curtamente pediceladas, de 1 a 3 dispostas em cachos umbeliformes.

Há cerca de mais de 900 variedades, embelezando os jardins do mundo inteiro, cuja a coloração das flores vai do branco puro ao vermelho vivo. E' originária da China.

AZEDINHA. — (*Oxalis divaricata* Mart. & Zucc.)

Família das Oxalidáceas

E' uma planta herbácea, de folhas 3-foliadas e estipuladas, de um gosto azedo muito característico, devido á grande quantidade de oxalato de cálcio que possui.

AZEITONA. — (*Syzygium jambolanum* (Lam.) D. C. = *Eugenia jambolana* Lam.).

Família das Mirtáceas.

E' uma árvore grande, esgalhada, de crescimento rápido, que se desenvolve bem em solos arenosos, húmidos, mesmo salinos. Poderia ser aproveitada com vantagem na arborização de ruas e avenidas, se não fossem os frutos que, além de abundantes, se esmagam na queda e tingem de preto os passeios.

O fruto é uma baga pequena, roxa-escura, quase preta, com uma única semente, coberta de polpa comestível, mas adstringente. Tem a forma e o tamanho dos frutos da oliveira, daí o nome de *Azeitona*. No sul do Brasil é conhecida por *Jambolão*.

Na Ásia tropical oriental, donde é originária, os frutos entram na confecção de tortas alimentícias e as folhas são dadas como forragem aos búfalos. Na medicina caseira o pó das sementes é empregado contra a diabete.

(Continúa no próximo número)